

A TRANSFORMAÇÃO DO HABITAR

Mariana Brandelli Ribeiro

A TRANSFORMAÇÃO DO HABITAR
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

Mariana Brandelli Ribeiro

Orientadores: Doutor Arquiteto Joaquim Soeiro Moreno
Arquiteto Francisco Aires Mateus

Departamento de Arquitetura
Universidade Autónoma de Lisboa



Lisboa, Novembro de 2019

À minha família e amigos, pelo apoio sempre.

Resumo

Com a constante mudança da sociedade a presente dissertação busca compreender as mudanças na forma de habitar ao longo do tempo, iniciando sua pesquisa pelos hábitos do séc. XIV até o séc. XX. A partir daí, faz-se uma reflexão sobre as transformações sociais e tipologias baseadas no modelo familiar nuclear, porém que já não fazem tanto sentido nos dias de hoje. O modelo familiar se transformou, e novas necessidades pedem por soluções que reflitam um novo pensar do habitar doméstico. Para novas formas de habitar do século XXI esse trabalho traz como exemplos, o *cohousing* e um projeto de habitação flexível. Esses exemplos demonstram que é necessária uma abordagem mais livre para que a arquitetura se aproxime das mudanças do contexto atual.

Palavras-chave: Habitação, Sociedade, Necessidades, Transformação

Abstract

With the constant change of society, the present dissertation seeks to understand the changes in the way of inhabiting over time, beginning its research by the habits of the 14th century until the 20th century. From there, a reflection is made on the social transformations and typologies based on the nuclear family model, but which do not make so much sense nowadays. The family model has been transformed, and new needs require solutions that reflect new thinking regarding domestic living. For new ways of living in the 21st century, this dissertation brings cohousing and a flexible housing project as examples. It demonstrates that a freer approach is needed in order for architecture to bring changes closer together in the current context.

Keywords: Housing, Society, Needs, Transformation

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	5
PARTE I	
RETROSPECTIVA DO HABITAR	6
A CASA	7
ABORDAGENS DO HABITAR	11
A SOCIEDADE DO HABITAR	29
PARTE II	
NOVOS MODOS DE HABITAR: EXEMPLOS DO SÉCULO XXI	36
CASAS COMPARTILHADAS	38
R-50 (RITTERSTRASSE 50)	42
OLDER WOMENS CO-HOUSING (OWCH)	48
110 ROOMS	54
CONCLUSÃO	59
PARTE III	
O PROJETO	60
ENQUADRAMENTO 1/10000	66
SITUAÇÃO 1/1000	68
IMPLANTAÇÃO 1/500	72
PLANTAS BAIXAS 1/200	76
ALÇADOS 1/200	84
CORTES 1/200	92
CORTE CONSTRUTIVO 1/50	94

Introdução

Essa dissertação pretende estudar a evolução do habitar afim de compreender a forma como se vive nos dias de hoje. O trabalho aborda a temática da evolução doméstica e seus significados ao longo do tempo. A forma como o ser humano se apropriou dos espaços, e deu sentido a eles revela que, suas necessidades e valores se adaptaram ao longo do tempo, influenciados por marcantes momentos históricos.

A casa transmite significados diversos que estão diretamente ligados a evolução do homem na Terra. Compreender a sua importância para a sociedade é a primeira parte a ser abordada nesse trabalho. Em *Retrospectivas do Habitar*, para melhor compreensão da evolução do habitar, estuda-se a partir do séc. XIV até o séc. XX a maneira como a sociedade de cada época usava as suas casas. Nesse sentido, o livro *Home: Short History of an Idea*, de Witold Rybczynski, teve um significado importante para esse entendimento.

Em o capítulo, A Sociedade do Habitar, são abordadas mudanças de comportamentos e formatos de uma sociedade em constante transformação e adaptação da sua forma de estar, que se desprende dos padrões pré-estabelecidos em décadas anteriores. Mais autêntica, a sociedade de hoje estabelece seus valores livres de formatos rígidos, e se mostra no mundo cada vez mais próxima de seus interesses. Essa já reflete no séc. XXI caminhos para novas formas de habitar, e revela que a arquitetura deve estar presente na mesma proporção dessas mudanças. Nesses novos caminhos essa dissertação exemplifica duas tendências para o habitar: o cohousing, direcionado para dois formatos diferentes da sociedade, e um exemplo de projeto flexível que permite a adaptação de seus espaços ao longo do tempo.

Sobre a disciplina de projeto responde-se ao tema *Habitação na Av. Almirante Reis, Novos Modos de Habitar a Cidade*, motivo que despertou o interesse do tema teórico desse trabalho. A proposta desse projeto pretende abrigar as transformações futuras de seus habitantes ao longo do tempo. O projeto oferece em sua arquitetura a reflexão sobre as necessidades da sociedade atual, e a integração e requalificação espacial do local onde se insere.

PARTE I
RETROSPECTIVA DO HABITAR

A Casa

“A casa é o eu de cada um”¹.

Pode se dizer que a primeira manifestação arquitetônica da humanidade se dá quando o homem primitivo ocupou as cavernas naturais² em busca de abrigo, proteção das intempéries e dos perigos. Depois, com a descoberta do fogo, o Homem se fixou e aprimorou a casa. Para Vitruvius a essência da arquitetura está associada à cabana, pois ela protege o fogo, o mantém e aquece a família³. Nesse sentido, a cabana tem importância para que o fogo se mantenha aceso e dê conforto a quem a habita.

A palavra família remete para muitos à essência do lar. O lar, em seu significado deriva da palavra lareira, que tem o fogo como elemento inseparável da cabana rústica⁴. Cresce, move-se, aquece e destrói, sendo o elemento que mais se assemelha às qualidades da vida humana. Portanto pode-se dizer que o fogo é a alma da casa.

Portanto, o lar é a vivência familiar. Esse domínio faz parte do início de uma relação em que o Homem se identifica com a sua casa. O significado de acolhimento da alma, contribui não só para o abrigo físico, mas também para a parte emocional. É na casa que o Homem encontra um lugar para seus devaneios e sonhos. Para além da esfera de refúgio, dá sentido a simbologia da sua origem, lugar onde nasce, cresce, cria suas raízes e memórias.

*“A configuração casa representa um invólucro delimitador entre o público e o privado, pois nos leva a um interior, representando a necessidade de estarmos situados. Adverte-se assim que a casa se relaciona intimamente com o homem, pois sua configuração é dependente da situação e do modo de vida de seu habitante e quando este lhe infunde seu hálito vital e a transforma em algo próprio e pessoal, ela pode assumir uma dimensão simbólica”.*⁵

1 Álvaro Siza, Textos sobre Carlos Nogueira, A casa (2006).

2 Yopanan Rebello: As Primeiras Moradias (2007).

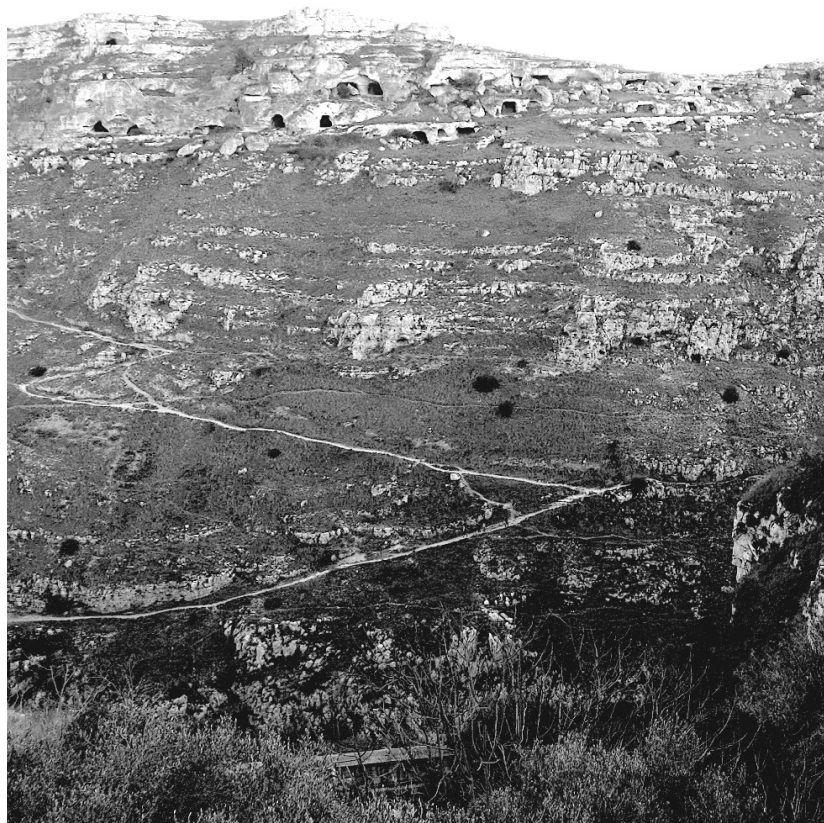
3 Jorge Miguel: Casa e lar: a essência da arquitetura (2002).

4 Idem

5 Idem



Fig. 01 | O Homem primitivo se protegendo da chuva | Segundo Filarete.



Segundo o parque de Matera, a paisagem cultural do *Parco della Murgia Materana* é caracterizada por um grande número de aldeias que testemunham a presença do homem desde os tempos pré-históricos em abrigos escavados nas rochas. Depois da Idade Média, essas aldeias foram usadas principalmente como locais para abrigar animais em práticas pastorais.

Abordagens do Habitar

É possível entender que a casa e seus significados podem sofrer transformações ao longo do tempo. A casa como simbologia de importantes aspectos para a sociedade, reflete não só as alterações da mesma, mas também a evolução das configurações domésticas. O presente tópico aborda alguns aspectos no modo de habitar, desde a época medieval até os dias de hoje. Dessa forma, pretende-se entender as motivações sociais e culturais em determinados períodos da história que levaram a tais evoluções.

Em seu livro *Home: a short history of an idea*, Witold Rybczynski lança um olhar para a evolução do habitar doméstico. Ele descreve que a vida para a burguesia na Idade Média era caracterizada por um ambiente pobre e rústico. As casas pequenas das cidades eram de um só cômodo, e serviam só como abrigo para dormir. Dessa forma, a vida familiar ficava comprometida e os conceitos de lar e família, desconhecidos. No séc. XIV, era presente a distinção entre habitar e trabalhar, porém o espaço para essas atividades funcionava quase como um lugar público, onde a área residencial agregava diversas funções como, preparar refeições, receber amigos e fazer negócios. A maneira como esse espaço combinava diferentes atividades, era conseguida por alterações na disposição do pouco mobiliário existente. Assim, se criava layouts adaptados em função das necessidades de seus moradores, e se promovia uma flexibilização do espaço doméstico, o que era muito interessante. Entretanto, conceito de intimidade não fazia parte da vida medieval já que, famílias inteiras dividiam o mesmo espaço, anulando o sentido de privacidade. Nesse período, o conforto também não tinha significado, e as pessoas mais acampavam do que viviam em suas casas.

Entretanto, com o passar do tempo, os hábitos e costumes da idade média foram se transformando até o séc. XVII. O surgimento do trabalho nas fábricas levou essa atividade para fora de casa, e em parte da burguesia ficava clara a distinção de casa e trabalho. Dessa forma, a casa ganhou um novo caráter e se iniciou a setorização de tarefas a partir da caracterização de espaços, como por exemplo, a cozinha e quarto de dormir.

Ainda nesse período, diferente da maioria dos países europeus, a Holanda tinha um caráter mais urbano, e boa parte de sua população estava na cidade, o que fez com que as habitações desenvolvessem um sentido maior de privacidade através da especialização dos espaços⁶. Assim, a casa holandesa passou a ser um local privado, e nessa época, já era ocupada apenas por uma família composta por um casal e seus filhos, e não mais que um empregado. Em termos organizacionais separava o espaço público do privado, e tinha um jardim próprio de uso exclusivo da família. A cozinha também ganhou importância nesse período. Algumas pinturas dessa época retrataram o ambiente doméstico holandês de forma íntima. A figura feminina, foi frequentemente representada afim de transmitir uma consciência doméstica, já que, as mulheres tinham o papel principal nos afazeres da casa.

6 Witold Rybczynski, *Home: a Short History of an Idea* (2001).



Fig.03 The Bedroom | Pieter der Hooch | 1658-1660

Para os restantes países europeus católicos, a Reforma da Igreja contribuiu para condutas sociais e privadas, centrando a família como base fundamental das novas normas. Esses valores despertam a consciência do indivíduo para o espaço privado e íntimo. É a família e suas necessidades que definem o espaço doméstico, e sustentam a forma de projetar o habitar. Dos reflexos das novas preocupações sociais, pessoais e de higiene, surge no séc. XVIII como ambiente fixo a casa de banho. Nesse período como resultado da revolução industrial, o movimento migratório para as cidades fez com que as dimensões das habitações se reduzissem, tornando o espaço da casa menor. Para Rybczynski, foi nesse momento que surgiu a noção de domesticidade, quando a dimensão das casas e de seus compartimentos diminuíram, e os espaços internos se tornaram mais íntimos. A esfera doméstica ganhou um sentido, ou seja, se relaciona com a família, desperta sentimentos e memórias. A casa ganhou um carácter mais pessoal onde as atividades noturnas e diurnas eram diferenciadas, em busca do conforto conforme a necessidade individual de cada membro familiar.

Já no séc. XIX, a Revolução Industrial contribuiu para um marco na percepção do habitar, que exigiu da sociedade uma transformação de mentalidade, valores e ideais. É o momento em que o homem assume uma nova postura de raciocínio em função do grande poder de produção. Com o êxodo rural, e o aumento da população nas cidades, novas necessidades de consumo apareceram. Os edifícios coletivos passaram a ser o principal elemento de construção urbana vinculando-se a formas residenciais próprias da cidade tradicional⁷. Isso contribuiu para existência de construções deficientes e de reduzidas condições de habitabilidade. Entretanto, no final do século XIX o surgimento da eletricidade e canalização da água, introduziu novos valores como o higienismo e conforto, sentidos especialmente na cozinha e na casa-de-banho⁸. Essas novidades implicaram contínuas transformações na organização do espaço interior. Ainda segundo Rybczynski, nesse mesmo período nos Estados Unidos, surgiu na arquitetura doméstica a preocupação da racionalização espacial.

Catherine Beecher, incentivou a educação da mulher e promoveu a valorização do papel feminino na sociedade. O desenvolvimento de interiores flexíveis direcionados principalmente para a área da cozinha, exibiam soluções móveis ou que reduziam o espaço da habitação, por exemplo como os armários encastrados. Para Beecher, as casas menores e mais económicas poderiam garantir a maioria do conforto e qualidade das casas mais refinadas. Além disso, serviam como modelos de economia do tempo e mão de obra. O movimento influenciado por Beecher pretendia facilitar o trabalho árduo de uma casa.

⁷ Carlos Aris, *Las Formas de la Residencia en la Ciudad Moderna*, 2º ed. (2000).

⁸ Witold Rybczynski, *Home: a Short History of an Idea* (2001).

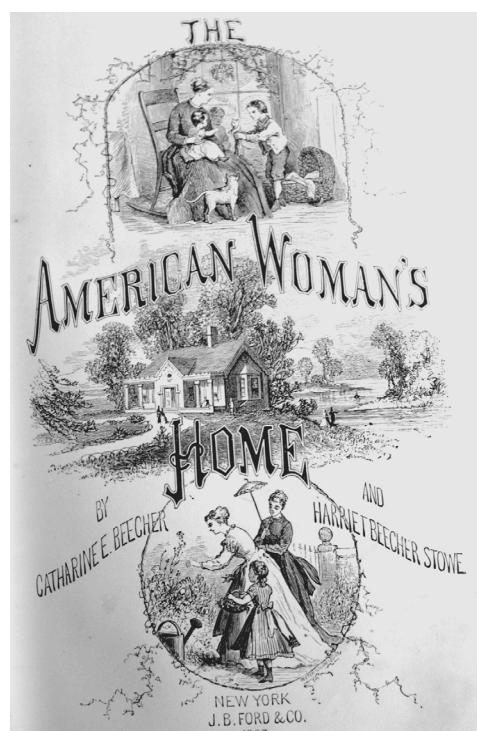


Fig.04 | Capa do livro de Catharine Beecher e sua irmã Harriet Beecher Stowe | 1869

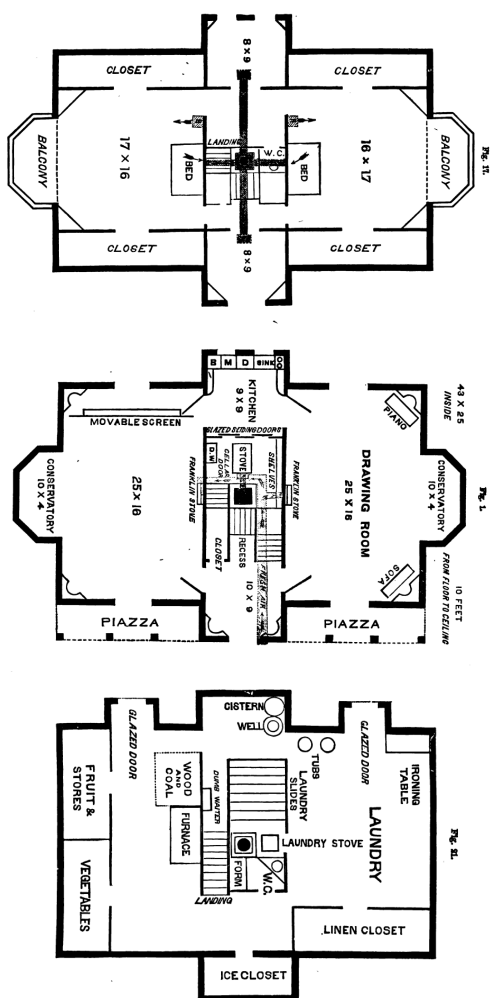


Fig.05 | Exemplos contido no livro para casas mais compactas e flexíveis. Objetivo era otimizar o tempo nas atividades domésticas.

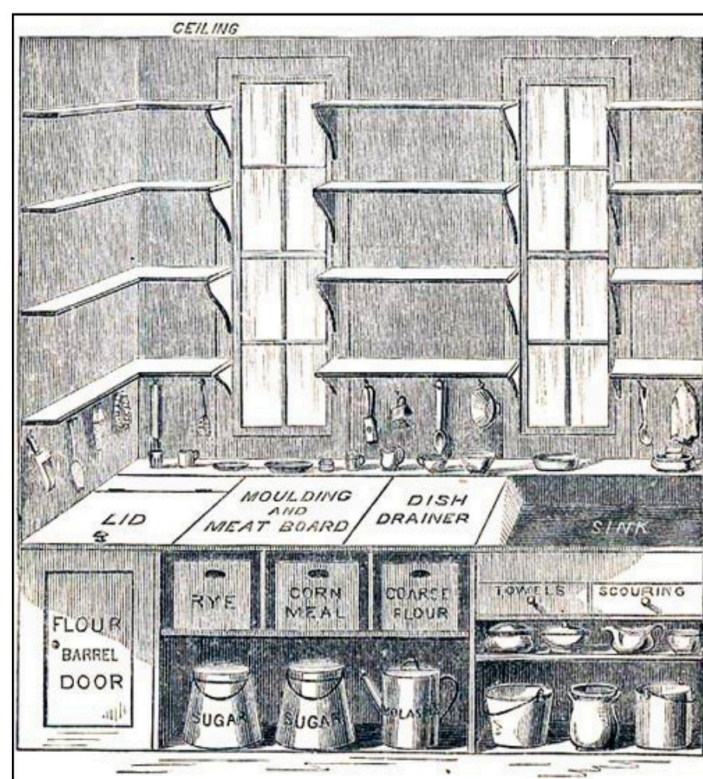


Fig.06 | Exemplo de uma cozinha funcional segundo a distribuição de espaço de Catherine Beecher e Harriet Beecher Stowe.

Witold Rybczynski explica que até o início do século XX o conforto se desenvolveu aos poucos. Entretanto após a primeira guerra mundial (1914-1918) a população se deparou com o aumento do custo de vida e mão de obra, e nesse período instalou-se uma crise na habitação. É então, que ocorre uma busca pelo reconhecimento da importância da normatização e mecanização do desenho do habitar. A estandardização se desenvolveu com a finalidade de projetar urbanizações em grande escala para a habitação coletiva, baseando-se no conceito de “família-tipo”. Essas transformações do pós-guerra, projetaram a ideia de estabelecer direitos iguais no que diz respeito a habitação, porém não consideravam as necessidades humanas de maneiras diferente. Supunha-se que ao reproduzir os princípios em massa, a população deveria se adaptar.

Nas exposições de Artes Decorativas de Paris 1925, e na Exposição de Stuttgart 1927 foram dados exemplos dos novos ideais modernos. A exposição de 1925 buscou demonstrar o papel da produção industrial e da estandardização na solução da casa, com a regeneração social através da arquitetura⁹. O conceito do arquiteto Le Corbusier de pensar a “casa como máquina” aparece nessa altura. Na exposição de 1927, exemplos das plantas flexíveis com autoria de Mies Van der Rohe, revelaram o desejo do arquiteto por um desenho de liberdade máxima.

9 Blanca Lleo, Sueño de Habitar. (2005)

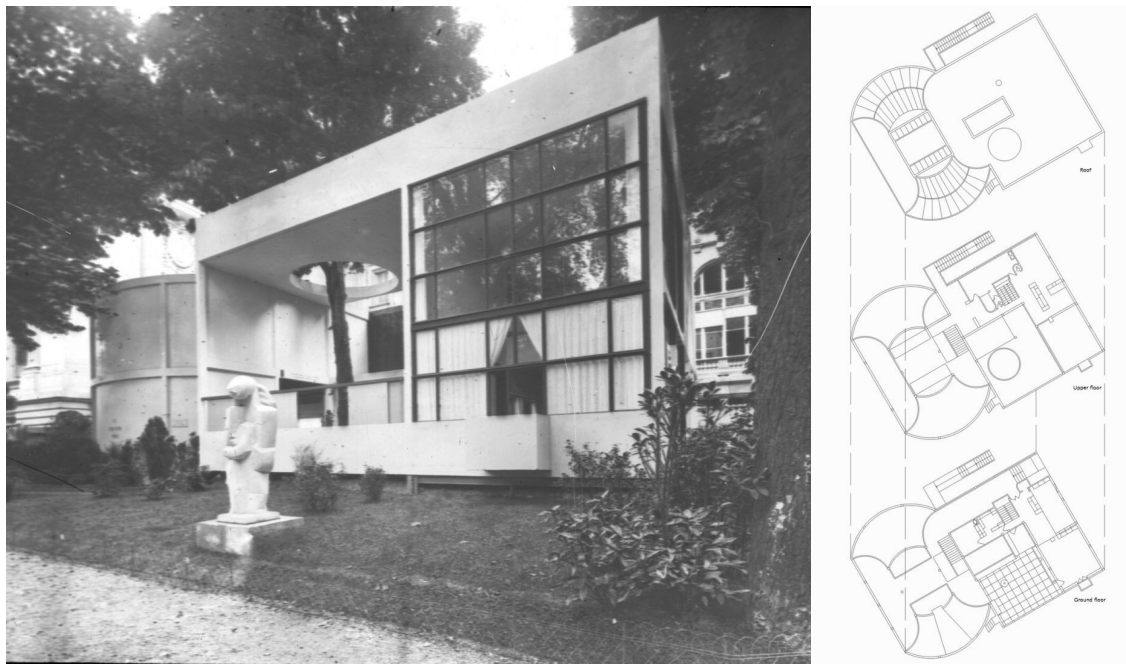


Fig.07 | L'Esprit Nouveau Pavilion - Exposição de Artes Decorativas de Paris | Le Corbusier | 1925



Fig.08 Cartaz de convite para a exposição dirigida por Mies Van Der Rohe | 1927

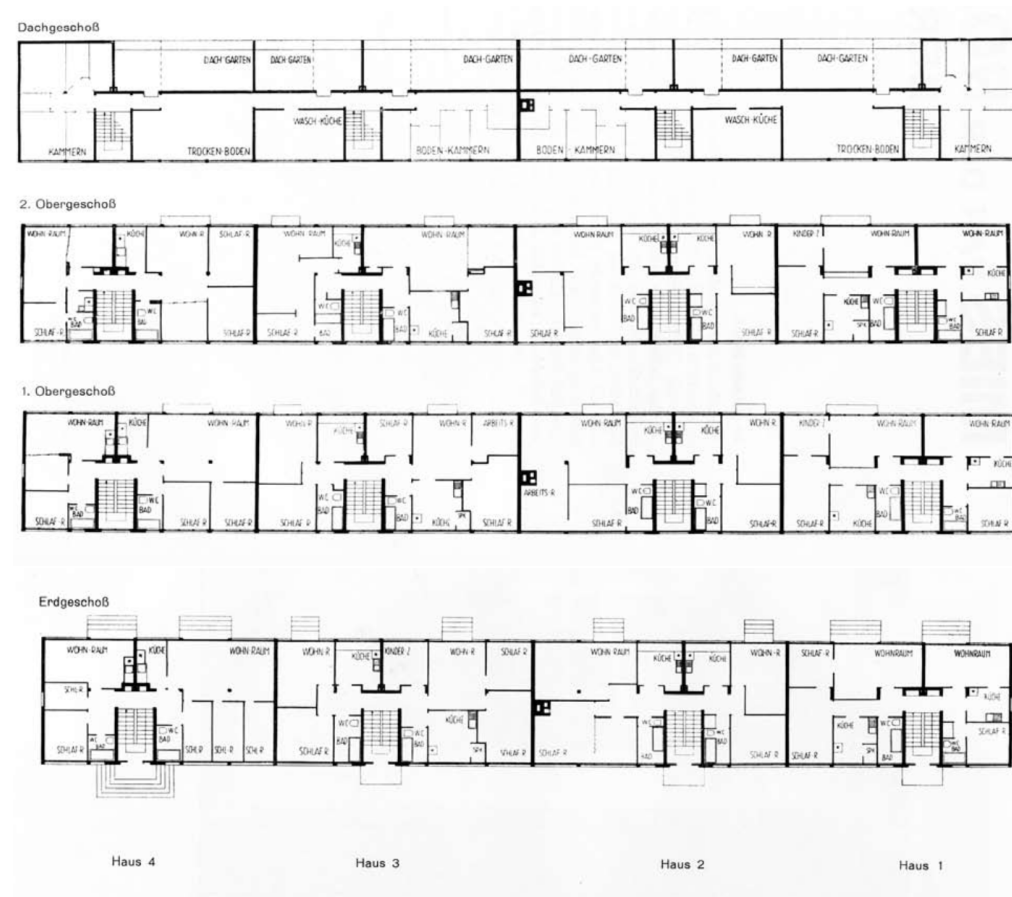


Fig. 09 | Plantas dos pavimentos do projeto de Mies Van Der Rohe para a exposição de 1927

Contudo as propostas de estandardização nas soluções para as habitações passou a ser questionada algumas décadas depois. Como exemplo do rompimento com o movimento moderno, Robert Venturi protagonizou a recusa dos modelos universais e linguagem baseada nos conceitos abstratos do espaço. Assim, outros arquitetos acabaram por explorar essa arquitetura Pós-Moderna, onde denunciavam a abstração como forma de afastamento da realidade física e da vida quotidiana. O objetivo era incorporar os conceitos da modernidade como forma de mudança social e meio para modificar as relações humanas¹⁰. A abordagem de Robert Venturi representou uma resposta sem as normas rígidas dos princípios modernos. Outro arquiteto e artista desse mesmo período que se manifestou em protesto ao modernismo da arquitetura foi Gordon Matta-Clark. Ele demonstrou um interesse comunitário, e uma preocupação social. Suas obras estiveram focadas na decadência arquitetônica e nas mudanças sociais do espaço urbano, tendo como eixo a desumanização do mundo moderno¹¹. Em sua intervenção nomeada *Splitting*, o artista adquiriu uma casa prestes a ser demolida em uma vizinhança de Nova Jersey afim de promover um projeto de renovação urbana. Para isso o Governo rapidamente retirou as pessoas que viviam na habitação.

10 Blanca Lleo, Sueño de Habitar. (2005)

11 Constança Babo, As ações de Gordon Matta-Clark no Museu de Serralves (2017).



Fig. 10 | Vanna Venturi House | Robert Venturi | 1964



Fig. 11 | Splitting | Gordon Matta-Clark | 1974



Fig. 12 | Splitting | Interior da casa | Gordon Matta-Clark | In1974

O período após a segunda guerra trouxe importantes transformações sociais. O papel da mulher na sociedade passou a ser debatido, e abriu caminho para o aparecimento do feminismo que no séc. XX contribui para grandes mudanças da esfera doméstica. Muitos homens foram para a guerra, e coube à mulher assumir os postos de trabalho nas fábricas. Essas mudanças refletiram no espaço da casa, e mais tarde a imagem liberal da mulher americana exibida em filmes, tornou-se modelo de inspiração. O livro *A Grande Revolução Doméstica (1981)*, descreveu a busca pela independência econômica e igualdade social das mulheres nos Estados Unidos. Trouxe uma nova interpretação da história da habitação e do design urbano americano, onde os projetos dos espaços domésticos eram estudados através de cooperativas de donas de casa, creches, casas sem cozinhas, cozinhas públicas e refeitórios comunitários.

Desse modo, aprofundou-se a investigação sociológica dos problemas na habitação e no interesse em saber a opinião da população. Alguns inquéritos realizados na França, revelaram a modificação de valores, novas aspirações e necessidades (decorrentes da transformação das estruturas familiares), como as verdadeiras causas da crise habitacional¹². Assim, importa refletir as alterações familiares e sociais no desenho da habitação¹³, chamando a atenção para conhecer melhor os modelos familiares representativos, e criar habitações mais adequadas à sociedade contemporânea.

¹² Paul Chombart de Lauwe, *Famille et Habitation II: Un Essai d'Observation Expérimentale* (1960)

¹³ Idem

O séc.XXI é representado pela alteração da estrutura familiar, que está fragmentada em diferentes lares e se compõe de novas formas, e isso pode ser compreendido na maneira como se dá o uso dos espaços residenciais. Atualmente são vários os fatores que vem somando para essa transformação familiar, como por exemplo, casais sem filhos ou famílias monoparental. A autora Blanca Lléo, explica que podemos entender a vivência de uma revolução doméstica nos dias de hoje, pois a casa, além da sua estrutura física ou do seu caráter mítico protetor, é um espaço em transformação uma vez que reflete as disfunções vitais mais urgentes do nosso tempo.

É possível perceber que ao longo dos séculos a maneira como as pessoas ocuparam e organizaram os espaços de suas casas se transformou e ganhou novos sentidos. O que é público ou que é privado, a importância da intimidade, as divisões espaciais, são aspectos que revelam a constante transformação dos espaços domésticos. A reconsideração das dimensões espaciais e as distribuições funcionais de uma casa, são fatores que devem ser pensados. Se as famílias e suas formas de habitar mudaram e continuam a seguir nessa tendência, é necessário repensar a forma como se projeta o habitar nos dias de hoje.



Fig. 13 | La Maison Des Locataires | Robert Doisneau | 1962.

Sociedade Do Habitar

O séc. XIX trouxe muitas mudanças que instigaram a busca por respostas do habitar doméstico ideal para o homem. Nas últimas décadas, fatores importantes revelaram a constante transformação da sociedade como um todo. A velocidade das mudanças sociais, tecnológicas e económicas, marcaram e marcam, os dias de um mundo globalizado em constante evolução. Da mesma forma, os valores sociais e individuais, que revelaram uma realidade diversa de experiências do passado e de desejos do futuro. Fatores como o aumento da expectativa de vida, o aumento populacional em áreas urbanas, a evolução familiar, a recomposição do grupo doméstico, e mobilidade são referidos como exemplos dessas transformações, por alguns autores como Monique Eleb e Muxi Martinez Zaida. Os institutos de estatísticas apontam para a longevidade da população, e nesse sentido deve-se refletir sobre o aumento de pessoas a viverem sozinhas, como por exemplo, os idosos. Para além da população sénior, também se identifica um aumento na população adulta que vive sozinha, tanto homens como mulheres.

Desta forma, se nota uma grande ausência da família nuclear tradicional, e um crescente número de famílias “não convencionais” o que torna a família dos dias de hoje mais diversificada. No séc. XIX a família era baseada sobre um único salário e uma pessoa responsável pelos afazeres domésticos, subjugada a quem trazia o dinheiro¹⁴. Isso refletia num interior doméstico, que respondia a uma hierarquia rígida. Atualmente, existe maior independência entre os atuais membros de uma família. As tarefas são (ou pretendem ser) compartilhadas, e as relações entre pais e filhos se dá de uma forma mais leve.

14 Muxi Zaida Martinez, *Revisar y Repensar el Habitar Contemporáneo* (2010)

Com a crise económica (2008, por exemplo), muitos jovens retornaram à casa dos pais ou avós, depois de uma experiência incompleta ou dificuldade de inserção no mercado de trabalho¹⁵. Esse retorno, ainda pode vir acompanhado de um cônjuge, e a integração entre diferentes gerações pode gerar conflitos quanto ao convívio num mesmo habitar. O período de recessão económica, também gera uma instabilidade no mercado de trabalho, e isso dificulta o planeamento económico das pessoas. Adicionada a inflação das casas na maioria das cidades, de uma forma geral, identifica-se uma nova crise habitacional, e isso contribui para um habitar cada vez mais temporário. A ideia de ter uma casa para a vida toda está em declínio¹⁶, e com isso, a possibilidade de partilhar um apartamento ou viver em comunidade, passa a ter uma maior aceitação entre as pessoas. Acredita-se que 20% da população em França vive em coabitação¹⁷, porém estima-se que o número pode ser ainda maior se considerar os números não oficiais.

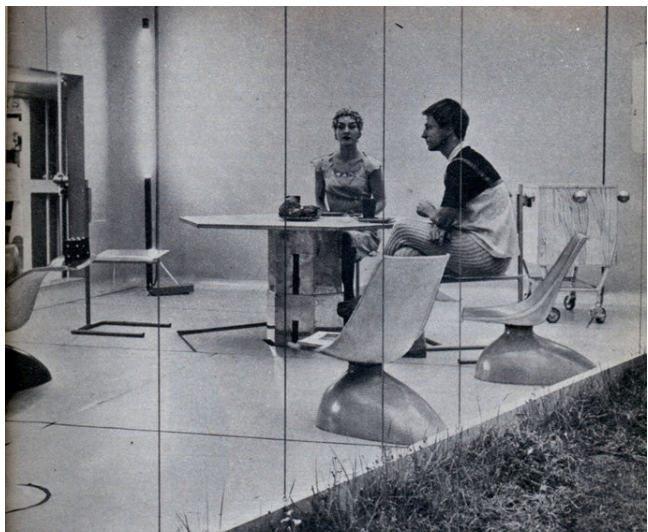
As mudanças na sociedade também sofrem influência pelo avanço tecnológico presente na vida contemporânea. Afim de facilitar a vida moderna, a tecnologia busca a libertação de tarefas, e quando associada a arquitetura, encontram soluções adaptáveis a mudança do homem. A atividade como ir ao cinema, por exemplo, foi parcialmente reintegrada dentro de casa graças à televisão ou ao home-theater¹⁸. Designada pela autora Monique Eleb como *internalização*, são atividades que se realizavam fora de casa, e que devido a fatores tecnológicos, económicos ou culturais realizam-se dentro de casa. Dessa forma, a relação com a casa está cada vez mais pessoal e individual no sentido de personalidade. A casa tem mais a ver com quem a habita.

15 Monique Eleb e Philippe Simon, *Entre confort, désir et normes: le logement contemporain 1995-2010* (2012).

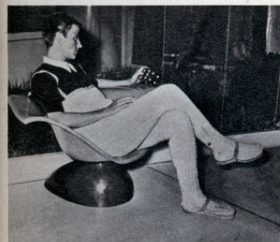
16 *Idem*

17 La Cohabitation Vue Par Monique Eleb, Sociologue, 2018, em entrevista para o site: <https://blog.cooloc.com/temoignages/cohabitation-monique-aleb-sociologue/>

18 *Idem*



Main room of 1980 home adjoins central garden. The dining table can sink into floor.



Short-wave transmitter with push buttons controls radio-phonograph-color TV set.

This is a House?

British architects have designed this Home Of The Future to prove that living will be much easier in the brave new world of tomorrow.

STAR of the London Daily Mail Ideal Home Exhibition of 1956 was this eye-opening Home Of The Future designed by architects Alison and Peter Smithson. It is a one-bedroom town house that contains a garden within it. The shell is moulded of plastic-impregnated plaster and the roof is covered with aluminum foil to reflect the sun's

61



Fig. 15 | Just what is it that makes today's homes so different, so appealing? |Richard Hamilton | 1956 para a exposição "This is Tomorrow", em manifesto contra a sociedade de consumo Americana.



Fig. 16 | François Dallegret, A Home is not a House, 1965

As significativas alterações no formato do “trabalhar” têm mostrado uma certa compreensão na transformação da sociedade como um todo. Hoje em dia, é muito mais fácil se deslocar para conquistar um posto de trabalho. A flexibilidade laboral propõe um regime de trabalho mais leve, e promove indiretamente maior tempo de vida social, e hábitos familiares, que muitas vezes se perdem quando há incompatibilidade de articular os horários entre trabalho e família. Assim entende-se, que essa flexibilidade laboral deve contribuir para repensar o modelo de habitação, uma vez que viabiliza o indivíduo a passar mais tempo em casa, e até mesmo trabalhar em casa. A procura por modelos de habitação que respondam aos diferentes estilos de vida como: casas de menores dimensões, que podem estar mais próximas do trabalho, que sirvam para habitação individual, casas que possam receber famílias de diferentes valores culturais, e que respondam as novas formas de trabalhar como o home-office, são cada vez mais procuradas¹⁹.

O aumento por esse tipo de oportunidade tem crescido cada vez mais, devido ao desemprego, precarização das relações no trabalho, alterações de horários constantes, e incompatibilidade com a vida social. Para além disso, a evolução tecnológica que permite realizar as tarefas de um escritório em casa, viabiliza autonomia de gestão de tempo, potencia economias de deslocações entre casa e o trabalho, e diminui o ambiente de stress. É importante que o interior doméstico seja repensado de forma a oferecer uma maior versatilidade a estes novos hábitos. De um modo geral deve-se despertar para os ritmos atuais do quotidiano, assim como a casa, o trabalho, as formas de lazer e consumo estão em transformação.

“As diferentes funções da habitação, correspondentes aos ritmos da vida do grupo e às suas várias necessidades, devem poder ser distinguidas sem que, no entanto, se alcance um funcionalismo habitacional demasiado rígido, que se torne um constrangimento para a família”²⁰. “

19 Monique Eleb e Philippe Simon, Entre confort, désir et normes: le logement contemporain 1995-2010 (2012).

20 Paul-Henri Chombart de Lauwe e Marie-José, A evolução contemporânea da Família: estruturas, funções, necessidades.



Fig. 17 | *Mobile Office* | Hans Hollein | 1969

PARTE II
NOVOS MODOS DE HABITAR: EXEMPLOS DO SÉCULO XXI

A busca por novos modos de habitar não encontra soluções nas ofertas típicas do mercado imobiliário, pela ausência de tipologias que consideram as mudanças sociais dos dias de hoje. As pessoas estão se unindo em busca de algo que preencha as suas necessidades. Nessa segunda parte do trabalho é apresentado o projeto de duas cohousings, que na Alemanha (*R-50 - Ritterstrasse 50* em Berlim) e em Inglaterra (*Owch - Older Womens Co-Housing*) satisfazem necessidades diferentes presentes na sociedade de hoje em todo o mundo. No sentido da busca por uma arquitetura “livre”, aborda-se o exemplo do projeto *110 rooms* dos arquitetos *Maio*, que demonstra em seu projeto flexibilidade e ausência de hierarquia espacial.

“If the provision of shelter is the passive function of the house, then its positive purpose is the creation of an environment that is best suited to the way of life of people – in other words, a social unit of space”²¹

²¹ Amos Rapoport, *House form and Culture*. (1969).

Casas Compartilhadas

Os ideais de Ebenezer Howard no movimento das *Cidades Jardins*, na Inglaterra no fim do séc. XX, buscavam encontrar um equilíbrio entre o desenvolvimento económico e os problemas sociais integrados através do desenho da paisagem²². O pensamento de Howard demonstra uma relação da arquitetura com a sociedade, e propõe a harmonia do homem e a natureza. Essa ideia buscava oferecer equilíbrio social e a melhoria das condições de vida através da integração de comunidades de classes diferentes, do desenvolvimento económico, de um sistema de cooperativismo e do bem-estar. O seu desejo era que não houvesse isolamento populacional, e sim igualdade para todos e espírito de vizinhança com melhores condições habitacionais, de forma a propiciar ao Homem mais liberdade em uma vida comunitária renovada.

Desde a revolução industrial, houve uma deslocação populacional do meio rural para as cidades. Comportamento que devido a motivos da vida contemporânea continuam a ocorrer. A busca por uma vida melhor, melhor educação, trabalho ou segurança, continua a levar milhares de pessoas a deixar suas raízes. Estudos revelam que o número de pessoas a viver em áreas urbanas tem aumentado com o passar dos anos, e possivelmente esse número venha a crescer cada vez mais. Prevê-se que até 2050 em cada dez pessoas, sete estarão vivendo em áreas urbanas²³. O aumento da população nas cidades é inevitável, e com isso a incessante procura por casas tem agravado a crise habitacional. Essa ocorrência se dá pela pouca oferta de casa acessível, que agregada ao crescimento do turismo de massa nas principais cidades, inflacionam os preços do mercado. Dessa forma, encontrar uma casa que se enquadra a diferentes perfis e requisitos tem se tornado um grande desafio para as pessoas. Entretanto, essa dificuldade abre caminho para a arquitetura promover novas formas de viver.

²² Liza Maria Souza De Andrade. O conceito de Cidades-Jardins: uma adaptação para as cidades sustentáveis.
²³ United Nations Desa / Population Division, Press Release of the World Urbanization Prospects (2018) <https://population.un.org/wup/Publications/Files/WUP2018-PressRelease.pdf>

Criar uma relação mais comunitária é essencial para a sustentabilidade da cultura ocidental porque quando se conhece melhor a vizinhança, se conhece melhor o bairro²⁴, e isso fortalece o sentimento de pertença, porque se passa a fazer parte de algo do qual se gosta. Entretanto, no contexto atual de um mundo acelerado e competitivo, a ideia romântica da cabana na floresta levou ao isolamento urbano de bairros unifamiliares, tornando as casas separadas e autônomas. Isso porque, a independência e o isolamento acabaram por resolver algumas necessidades de privacidade e segurança da sociedade contemporânea.

Cohousing, é um termo originalmente dinamarquês que quer dizer vida em comunidade. Esse termo define pessoas que buscam resgatar um estilo de vida de bairro, mais comunitário²⁵. Pode se caracterizar como uma comunidade intencional, quando pessoas que partilham de um propósito comum decidem viver próximas umas das outras, ou seja com a intenção.

Um dos primeiros exemplos de cohousing surgiu na Dinamarca em 1972, chamada *Sættedammen*, uma comunidade de 27 famílias que buscavam maior senso de comunidade do que aquela oferecida nos subúrbios ou complexos habitacionais oferecidos no mercado imobiliário²⁶. A frustração com a oferta de habitação levou a criação de um conceito de vizinhança combinada com autonomia e privacidade, mas com as vantagens da vida comunitária. Uma série de serviços que facilitam a articulação do dia-a-dia podem ser compartilhados. Esse modelo obriga o repensar do espaço doméstico formulando novas tipologias na arquitetura onde se minimizam os espaços individuais e maximizam os coletivos. Essa estratégia promove a interação entre os moradores, assim como as instalações de uso comum reduzem área, gastos, e consumos energéticos.

Na vida comunitária não existe hierarquia, todos tem os mesmos deveres. Uma cohousing é projetada para equilibrar duas necessidades opostas existentes em seus moradores: privacidade x necessidades coletivas²⁷. Nesse ambiente os residentes devem participar de seu planejamento, e ficam responsáveis pela manutenção de seus espaços.

24 Chris e Kelly Scotthanson. *The Cohousing Handbook: Building a place for community*. (2005),

25 Kathryn McCamant & Charles Durrett (2011), Scotthanson & Scotthanson (2005)

26 Kathryn McCamant, e Charles Durrett. *Creating Cohousing: Building sustainable communities* (2011).

27 Idem



Fig 18 | Fotografia da zona de implantação do primeiro exemplo de cohousing na Dinamarca | 1972



Fig 19 | Fotografia do processo construtivo da cohousing *Sættedammen*, Dinamarca | 1972
Essa comunidade continua a existir e é formada por alguns moradores originais, seus filhos e netos.

R-50 (Ritterstrasse 50)

Na Alemanha, o termo conhecido como *Baugruppen* se caracteriza por edifícios multifamiliares, e em sua maioria autofinanciados, e incorporam um processo de planejamento participativo para a sua realização²⁸. É uma abordagem para o desenvolvimento habitacional, apoiado pelos governos municipais que incentivam a construção colaborativa e auto-organizada. Existem terrenos disponíveis para “*Baugruppen*”, e por um processo de licitação escolhe-se o melhor projeto baseado na qualidade do conceito residencial, depois a cidade detém o espaço a um preço estável enquanto o grupo interessado procura parceiros e arrecada fundos.

Um bom exemplo desse modelo é o R-50 (Ritterstrasse 50) localizado no bairro de Kreuzberg em Berlim projetado pelos arquitetos Ifau, Jesko Fezer e Heide & von Beckerath juntamente com os 19 interessados, parte de uma cooperativa de construção, concluído em 2013. O objetivo foi criar uma tipologia de modelo para habitação de baixo custo e preço acessível, oferecendo uma capacidade máxima adaptação e flexibilidade ao longo de sua vida útil.

Inserido numa zona característica de habitações do período pós-guerra de Berlim, o R-50 tem seis andares, um porão e um sótão. A sua planta tipo formada por três habitações que dividem espaços comuns de acesso e circulação, somando 19 apartamentos individuais, um estúdio e vários espaços compartilhados. O conceito arquitetônico é baseado em uma estrutura compacta e eficiente, um esqueleto de concreto com um núcleo de acesso e dois núcleos de serviço, a fachada de madeira é independente e a construção de aço para as varandas é suspensa. Um subsolo com pé direito duplo ligeiramente enterrado, fornece acesso ao prédio e mescla espaços privados e públicos. Cada apartamento e todos os espaços comunitários adicionais foram desenvolvidos por um processo intensivo de consultas, discussões e design. Com base na estrutura, os tamanhos dos apartamentos foram determinados nas plantas baixas conforme as necessidades individuais. Em paralelo a este processo, foi desenvolvido e definido um padrão comum para os acessórios interiores, isso resultou em deixar algumas superfícies em aberto, permitindo layouts mais personalizados nos apartamentos. Esse tipo de processo de design estruturado e aberto, permitiu ampla participação dos moradores no projeto, que puderam personalizar seus espaços, mas também um acordo mútuo sobre o tipo, localização, tamanho e desenho dos espaços compartilhados pelos residentes. Entre os quais, um generoso jardim urbano, que naturalmente se mistura com a paisagem do bairro, uma rampa de acesso que leva a uma área coberta em frente ao subsolo, uma lavanderia, uma oficina e um terraço com uma cozinha de verão e jardim de inverno.

28 Mike Eliason, The Urbanist, 2014



Fig 20 | Fotografia do R_50 construído em Berlim | 2013

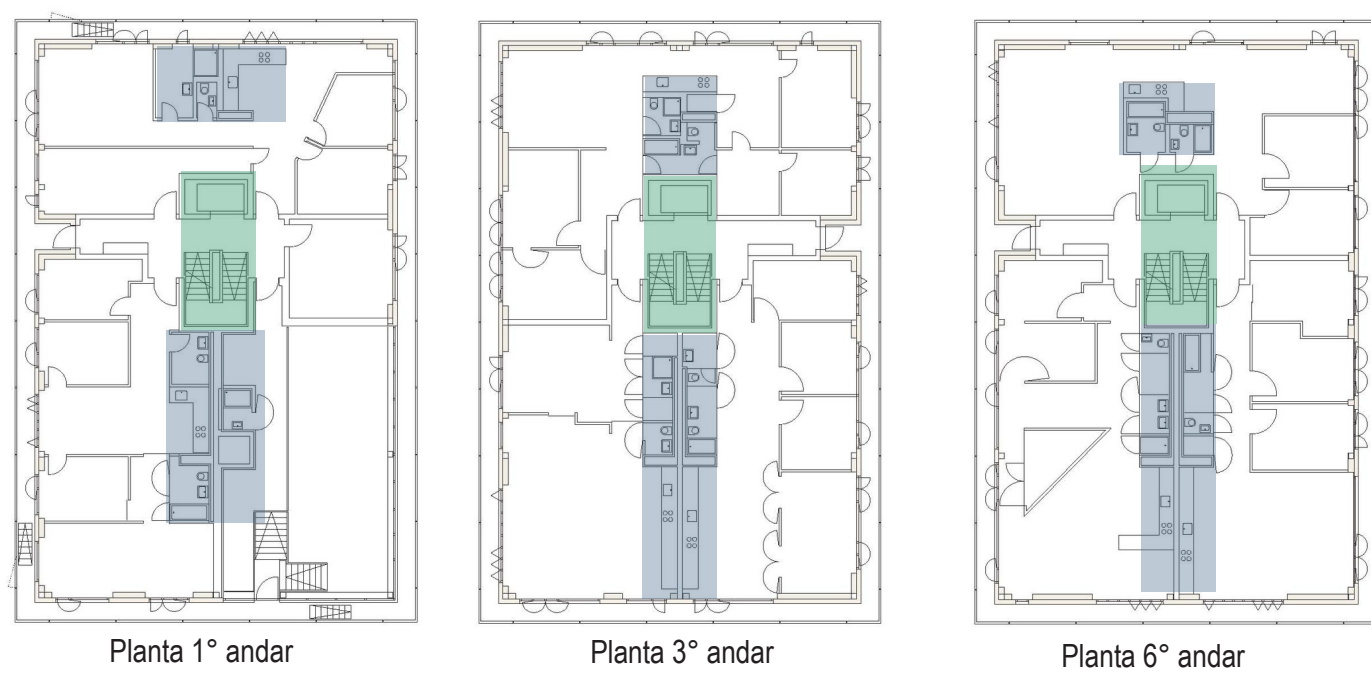


Fig 21 | Plantas arquitetônicas do R-50, que mostram diferentes e flexíveis layouts a volta de núcleos fixos | Planta editada para tese.
Núcleos de acesso em verde, e zonas molhadas em azul.



Fig 22 | Imagem do interior de um dos apartamentos do R-50.



Fig 23 | Figura mostra acesso o subsolo com pé direito duplo ligeiramente enterrado.



Fig 24 | Figura mostra reunião dos moradores em espaço compartilhado do subsolo.

Older Womens Co-Housing (Owch)

Com idades entre os 50 e 80 anos, 26 mulheres de origens diferentes formaram o grupo Older Womens Co-Housing. Embora elas sejam muito diferentes e tenham conexões familiares, trabalhos e interesses particulares, existe um objetivo comum entre elas: a determinação de permanecerem ativas e auto dependentes enquanto envelhecem. Quase todas elas viviam sozinhas antes de formarem o grupo, são solteiras ou viúvas. Dessa forma encontraram na coabitação uma maneira de viver com uma vizinhança amigável e cooperativa.

Maria Brenton, atualmente com 73 anos, é uma das fundadoras da comunidade. Nos anos 90 quando estudava na universidade do País de Gales, fazia pesquisas sobre a velhice, e identificou que as mulheres viviam mais que os homens, mas por terem abdicado do trabalho para cuidar dos filhos e da casa, possuíam menos recursos²⁹. Dessa forma Brenton iniciou sua busca por casos em que as mulheres pudessem se ajudar. Foi na Holanda que encontrou o primeiro modelo de coabitação, onde o governo Holandês acreditava que a ideia direcionada para pessoas idosas as manteriam ativas, saudáveis, e felizes por mais tempo, e dessa forma reduziria custos e a demanda dos serviços de cuidados sociais. Na Grã-Bretanha as estatísticas sobre a solidão são altas, mais da metade das pessoas acima dos 75 anos no Reino Unido moram sozinhas, e dois quintos dos idosos dizem que a sua principal companhia é a televisão³⁰.

O projeto arquitetônico da Owch, foi realizado pelo escritório Pollard Thomas Edwards Architects. O objetivo era que cada moradora tivesse o seu próprio espaço, mas que o projeto pudesse oferecer áreas comuns que despertassem o senso de comunidade. O desenvolvimento do projeto foi participativo, e as moradores puderam acompanhar e contribuir com suas ideias.

A Owch, é ativamente gerenciada pelas próprias moradoras onde todas têm oportunidades de compartilhar a vida do grupo e contribuir da maneira que puderem. Das 25 casas, 17 são de propriedades privada e 8 são destinadas ao arrendamento acessível. A composição das 25 casas configura-se entre T1, T2 e T3, e espaços comuns como o jardim onde se realizam aulas de jardinagem, uma casa comum que oferece cozinha e salas partilhadas, e também um espaço de lavanderia com máquinas e acessórios partilhados.

29 Sally William, 2016. <https://www.telegraph.co.uk/women/life/sixty-female-middle-class---and-all-living-under-one-roof-just-d/>
30 Idem



Fig. 25| Residentes do Owch Co-Housing



Fig. 26| Planta Baixa do Térreo | Owch Co-Housing | Imagem editada para a tese.
Núcleos de acesso em verde, e zonas molhadas em azul.



Fig. 27| Planta Baixa do 1º pavimento | Owch Co-Housing | Imagem editada para a tese.
Núcleos de acesso em verde, e zonas molhadas em azul.



Fig. 28 | Espaço da Cozinha Comum



Fig. 29 | Varandas privadas viradas para o jardim comum.

110 Rooms

O grupo de arquitetos MAIO desenvolveu um projeto de habitação coletiva que através de um sistema de 110 salas, que podem ser usados conforme desejado. Atendendo ao requisito de seu cliente, cada apartamento pode expandir ou reduzir suas áreas, afim de responder às necessidades de seus habitantes. Eliminando a hierarquia espacial, normalmente utilizada para distinguir a importância dos espaços, o projeto oferece flexibilidade e quartos espacialmente semelhantes.

No projeto, cada andar foi dividido em um conjunto de 4 apartamentos com 5 espaços. Os quartos conectados, excluem a necessidade de um corredor de distribuição. A estratégia Uma pequena cozinha foi colocada no centro da planta, funcionando como núcleo. As outras salas, usadas como quartos, salas de estar e higiene, funcionam em seu entorno. A flexibilidade da proposta é possível devido à posição dos banheiros, onde todas as instalações são colocadas como pontos de fornecimento.

Segundo os arquitetos, o projeto nasceu da radicalização de tudo que parece valioso na tradição tipológica de *Eixample*, bairro de Barcelona. Assim, a distribuição de quartos iguais são características tradicionais de alojamentos do final do século XIX, presentes no Bairro *Eixample*. Esses prédios modificaram seu uso ao longo de décadas, porém sem mudanças substanciais. Um sistema que permite mudar seu uso ao longo do tempo. No piso térreo, o espaço foi organizado para abrigar diferentes utilizações. Ao invés de móveis, foram inseridos volumes de mármore no meio de um grande espaço aberto, onde chove literalmente permitindo entender o salão como uma extensão da rua.

O sistema de construção racionaliza custos e otimiza o uso a longo prazo. No interior, todas as partições são feitas com sistemas de parede seca, permitindo futuras mudanças nas conexões dos quartos. O pátio interno é sem teto, e permite a ventilação natural, um fator importante para o conforto e o controle do consumo.

Dessa forma, é possível identificar em suas plantas, algumas abordagens para os usos dos espaços interiores, que demonstram a versatilidade de apropriação que o projeto oferece a seus usuários.



Fig. 30 | Esquema gráfico do grupo Maio para explicar a várias possibilidades de usos das 110 salas.

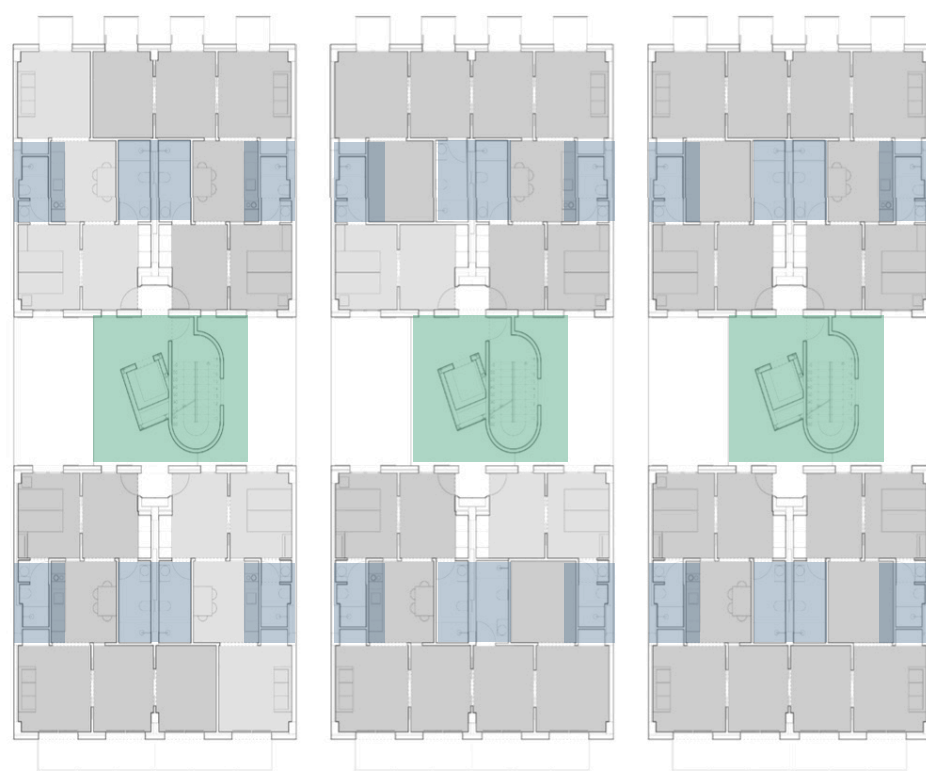


Fig. 31 | Planta baixa do projeto que mostra algumas possibilidades de layout para as habitações. Núcleos de acesso em verde, e zonas molhadas em azul.



Fig. 32 | Imagem das aberturas interiores que fecham ou abrem os espaços dos apartamentos.

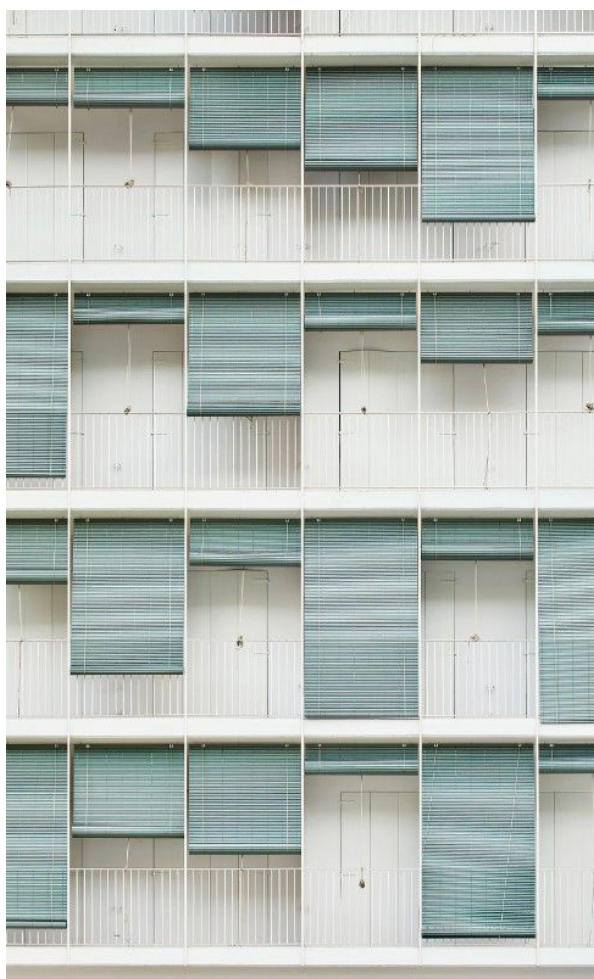


Fig. 33 | Alçado das trazeiras, que se mostra flexível da mesma forma que a proposta do projeto.

Conclusão

É possível compreender que a casa, inicialmente dada como lugar de abrigo e proteção, ganhou outros significados, e seus habitantes, novos desejos. A evolução da sociedade perante as transformações políticas, económicas e tecnológicas do tempo, resulta numa constante adaptação humana na maneira de olhar para vida.

No espaço doméstico, a noção de privacidade e intimidade separou o público do privado. O cuidado com a higiene exigiu uma nova abordagem para a configuração dos layouts interiores. Durante muito tempo, a figura feminina esteve extremamente vinculada a preservação do lar, e o estereótipo de família nuclear, dita a configuração da habitação durante muitas décadas. Entretanto, os padrões sociais estão a ser ultrapassados, a mulher segue um caminho por mais igualdade, a família tem vários formatos, e a expectativa de vida é cada vez mais próspera.

Essas mudanças exigem adaptações para a oferta de habitação. O desenvolvimento dos centros urbanos permitiu a prática de novos experimentos na arquitetura. Porém, a vontade de responder de maneira rápida à crise da habitação, levou a industrialização e a padronização na forma de construir o habitar. A especulação do mercado imobiliário, que de certa forma limita a oferta habitacional até os dias de hoje, deve ser questionada.

A pesquisa desse trabalho revela que a sociedade está cada vez mais, desprendida dos padrões ditados antigamente, e que as pessoas querem se identificar, com o que fazem, com o que se relacionam, trabalham, e com o lugar onde vivem. Viver em comunidade por exemplo, foi visto por muito tempo como um estilo de vida Hippie. Entretanto, os exemplos trazidos como R-50 onde o alto custo da habitação fez com que 19 famílias se reunissem em busca de casas mais acessíveis e flexíveis ou o OWch, onde mulheres sozinhas com medo da solidão e dependência familiar na idade avançada, mostram que as pessoas buscam por alternativas que lhes dêem maior qualidade de vida. E a arquitetura deve transmitir essa funcionalidade.

Viver em comunidade e partilhar, é um formato cada vez mais procurado nos dias de hoje. E revela que de facto, a forma autónoma a qual estamos acostumados a viver dificulta o nosso dia-a-dia. A abordagem por uma vivência em comunidade pode abrir caminho para um novo diálogo social entre as pessoas, e contribuir para um estilo de vida mais saudável. Também é importante, que se desenvolva estratégias políticas que promovam e viabilizem a construção de uma sociedade mais próxima. No projeto R-50, existe um incentivo político que viabiliza a compra de certos terrenos a um preço mais baixo. Sobre o exemplo dos projeto *110 rooms*, é interessante olhar para a forma de construir as habitações multifamiliares. Os espaços flexíveis possibilitam a transformação familiar de maneira que possam responder às diferentes necessidades que irão surgir ao longo de uma vida.

Dessa forma, fica clara a necessidade do papel do arquiteto e da comunidade, na reflexão do Habitar. Se a casa em que vivemos pode ser um espaço ou ter formas que melhoram as nossas vidas, e contribuem para uma sociedade mais colaborativa, devemos continuar a estudar a transformação do habitar. Só assim é possível oferecer para os outros aquilo que buscamos para nós.

PARTE III
O PROJETO

Para responder à temática da disciplina de Projeto IX, *“Residências Jovens na Avenida Almirante Reis, Novos Modos de Habitar a Cidade”*, optou-se pelo terreno existente na Rua Maria da Fonte, nº 16, freguesia de Arroios. Esse terreno encontra-se atualmente vazio e degradado, e faz parte do logradouro nº 14 e 15 pertencente a um palacete do século XIX.

Ao estudar o histórico do local, se compreende que em tempos passados estiveram em atividade algumas olarias que produziam telhas e tijolos de barro nessa zona. Devido ao caráter do solo argiloso existente nessa região, essa área ficou conhecida pela fabricação de cerâmica, e ruas e mercados ganharam nomes característicos dessa atividade. A rua que hoje se chama Maria da Fonte, antigamente era chamada Calçada do Forno do Tijolo. Esse contexto histórico contribuiu para que o projeto apontasse para uma arquitetura de conceito mais industrial, no que diz respeito a sua estética, e materialidade.

Direcionando o olhar para o contexto de inserção do terreno, identifica-se, boa proximidade à Av. Almirante Reis, transportes públicos, ao Mercado Forno do Tijolo e atividades físicas existentes no centro de Piscinas de Arroios. Em contrapartida, a área do terreno encontra-se com falta de atenção, possuindo alguns edifícios degradados ou abandonados à volta, e uma grande praça que serve de parque para muitos veículos do local. A rua do projeto, Maria da Fonte tem pouca largura. É estreita e com movimento frequente de automóveis. A primeira sensação que se tem ao visitar o espaço, é de congestionamento.

Dessa forma, esses fatores motivaram a escolha desse terreno, afim de transformá-lo em uma oportunidade de equilíbrio entre as escalas construídas, e em mais um motivo para a recuperação do espaço público.



Fig. 34 | Foto tirada no parque do Mercado Forno de Tijolo, e mostra a vista para a Praceta de automóveis.



Fig.35 | Foto tirada na rua Maria da Fonte, mostrando a vista do local de intervenção.

A estratégia para o projeto como novos modos de habitar é possibilitar a ampliação das habitações, ou seja, permitir que elas, de certa forma resistam às transformações do tempo e possam se adaptar caso seja necessário. A proposta para o projeto se inicia com a ideia da duplicação do volume do palacete existente, e a partir disso se estabelece uma malha de 6m X 5m. A forma como a planta é trabalhada entre os pilares possibilita a transformação de duas casas menores em uma maior. Todas as casas têm uma varanda privativa, e o acesso às residências através da galeria, promove o convívio entre moradores. Seguindo o raciocínio de adaptação, para os alçados optou-se por uma abordagem de mesma estratégia. Trabalhada de forma independente, os alçados são compostos por painéis em alumínio que abrem e fecham consoante ao desejo de seus habitantes.

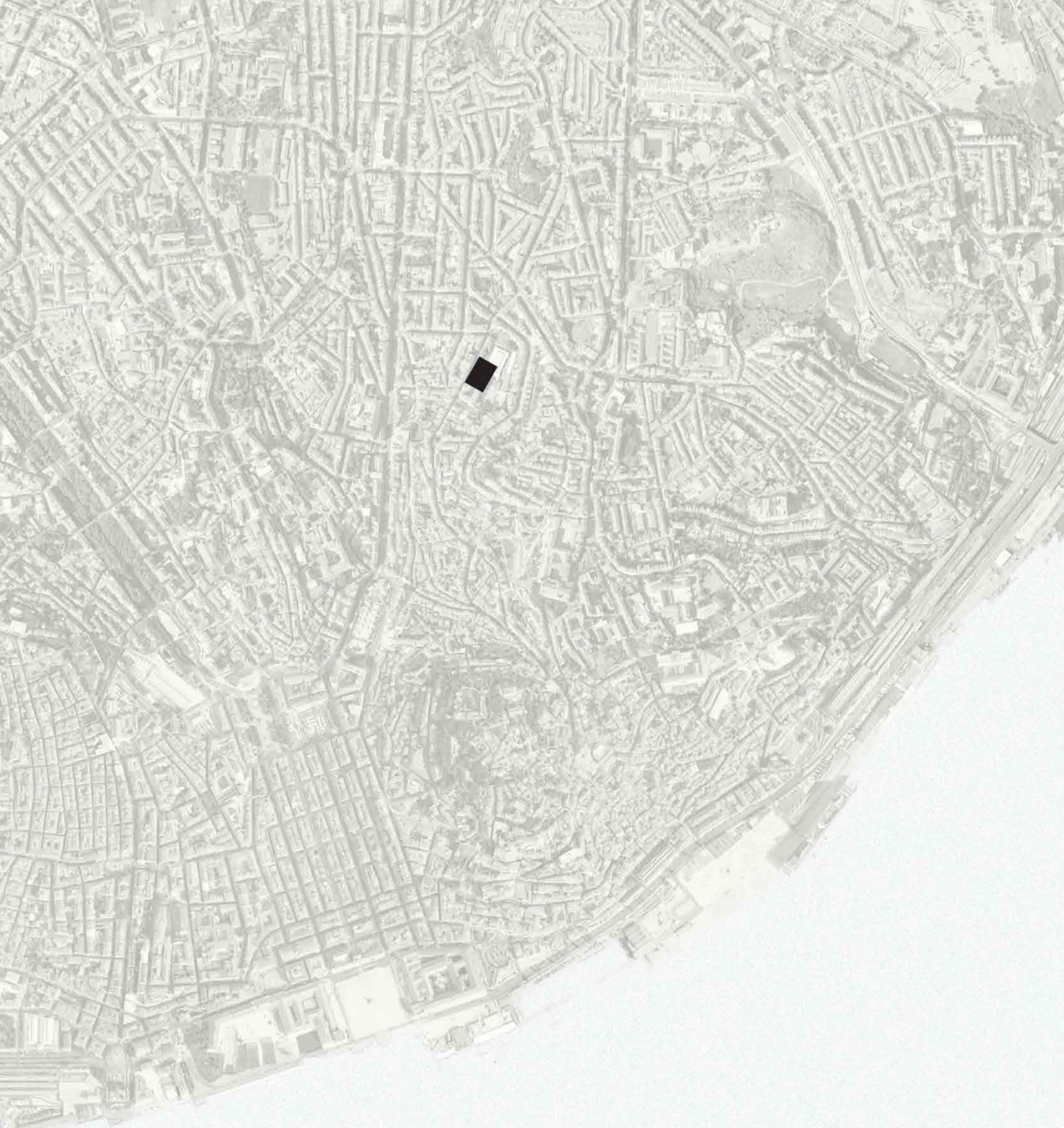
Considerando a próxima relação entre os prédios na rua Maria da Fonte, o projeto cria uma galeria de acesso às habitações, e dessa forma “recua” a fachada para trazer maior privacidade, e ainda assim, permitir aberturas.

A transformação do parque de carros para uma praça, acabou por fortalecer a importância do alçado sul, e estabelece uma relação mais próxima do projeto com o espaço público. Com a criação de uma escada e elevador, é possível circular entre a praça e o Mercado Forno do Tijolo. Para os carros existentes na praça atualmente, o projeto prevê um novo parque em subsolo com setenta e oito vagas que fica localizado no terreno ao lado do edifício mais alto. Isso possibilita a recuperação desse espaço vazio, uma vez que está sem cuidados, e evita interromper a praça com um acesso de veículos.

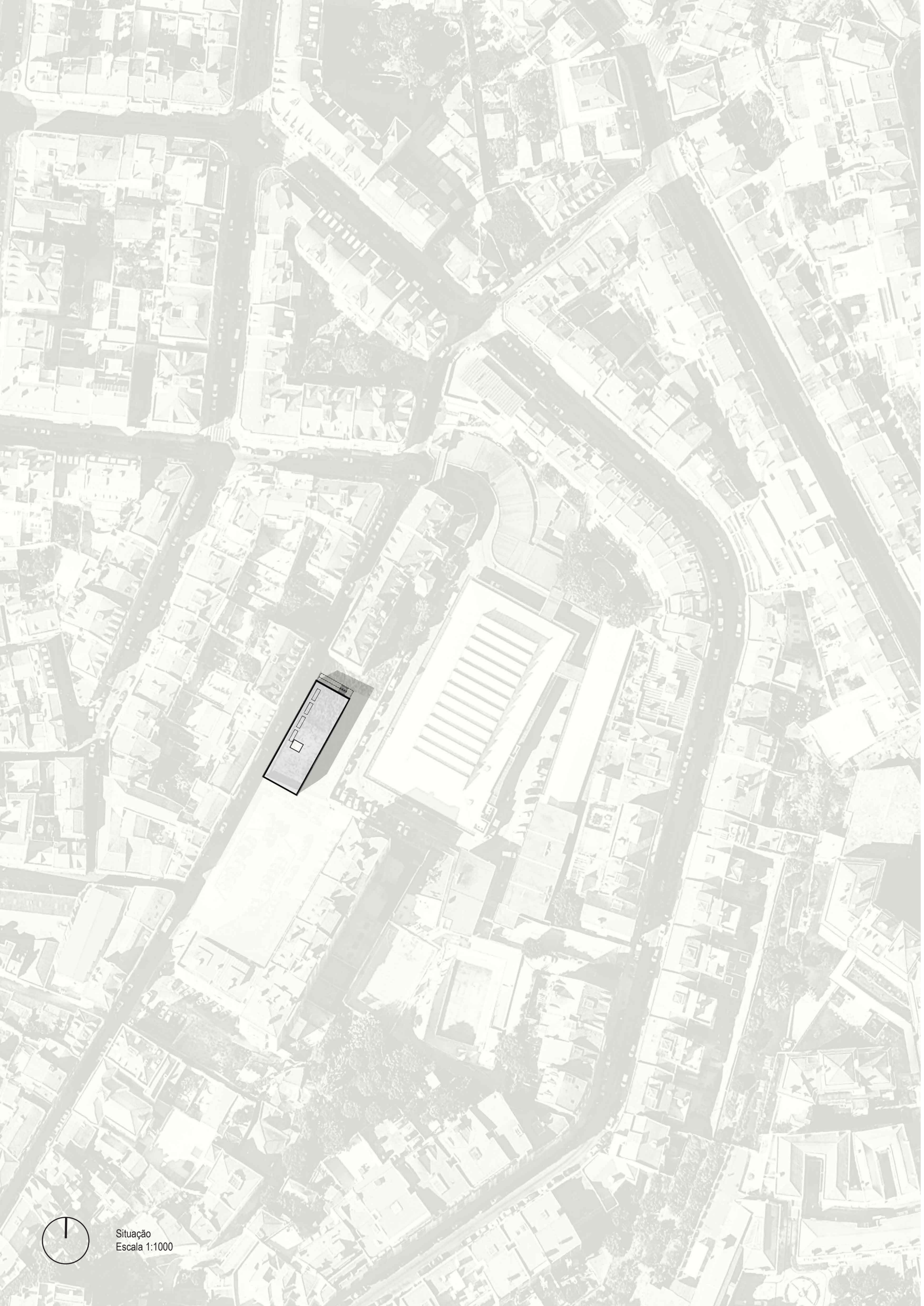


Fig. 36 | Fotografia tirada na rua Maria da Fonte em direção a praça de carros





Enquadramento
Escala 1:10000



Situação
Escala 1:1000



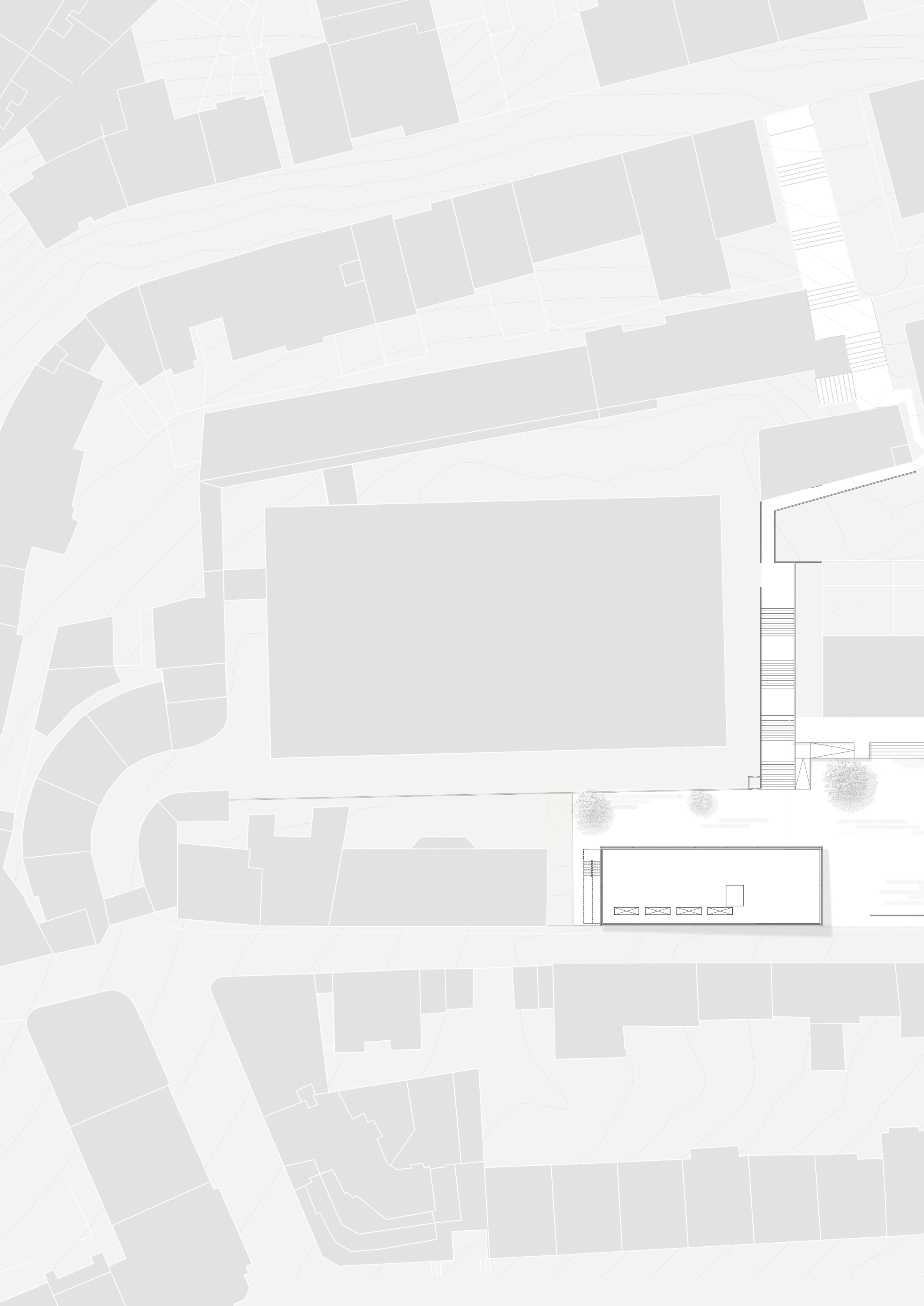
Perfil Rua Maria da Fonte
Escala 1:1000

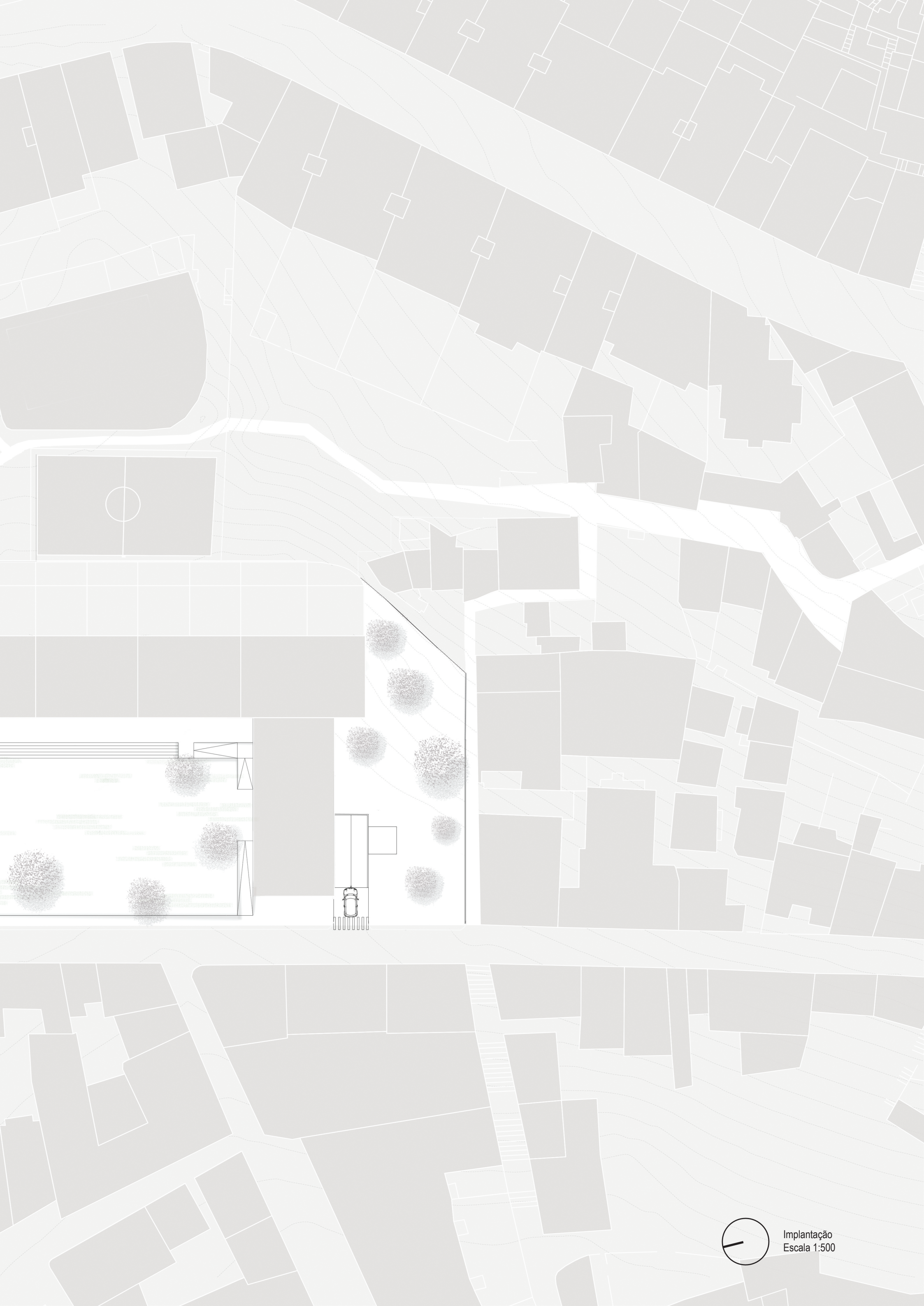


Fig. 37 | Vista do Terreno | Fotografia tirada no parque do Mercado Forno de Tijolo



Fig. 38 | Vista do Terreno | Fotografia tirada no parque do Mercado Forno de Tijolo





Implantação
Escala 1:500



Fig. 38 | Vista do espaço disponível para a proposta do Estacionamento

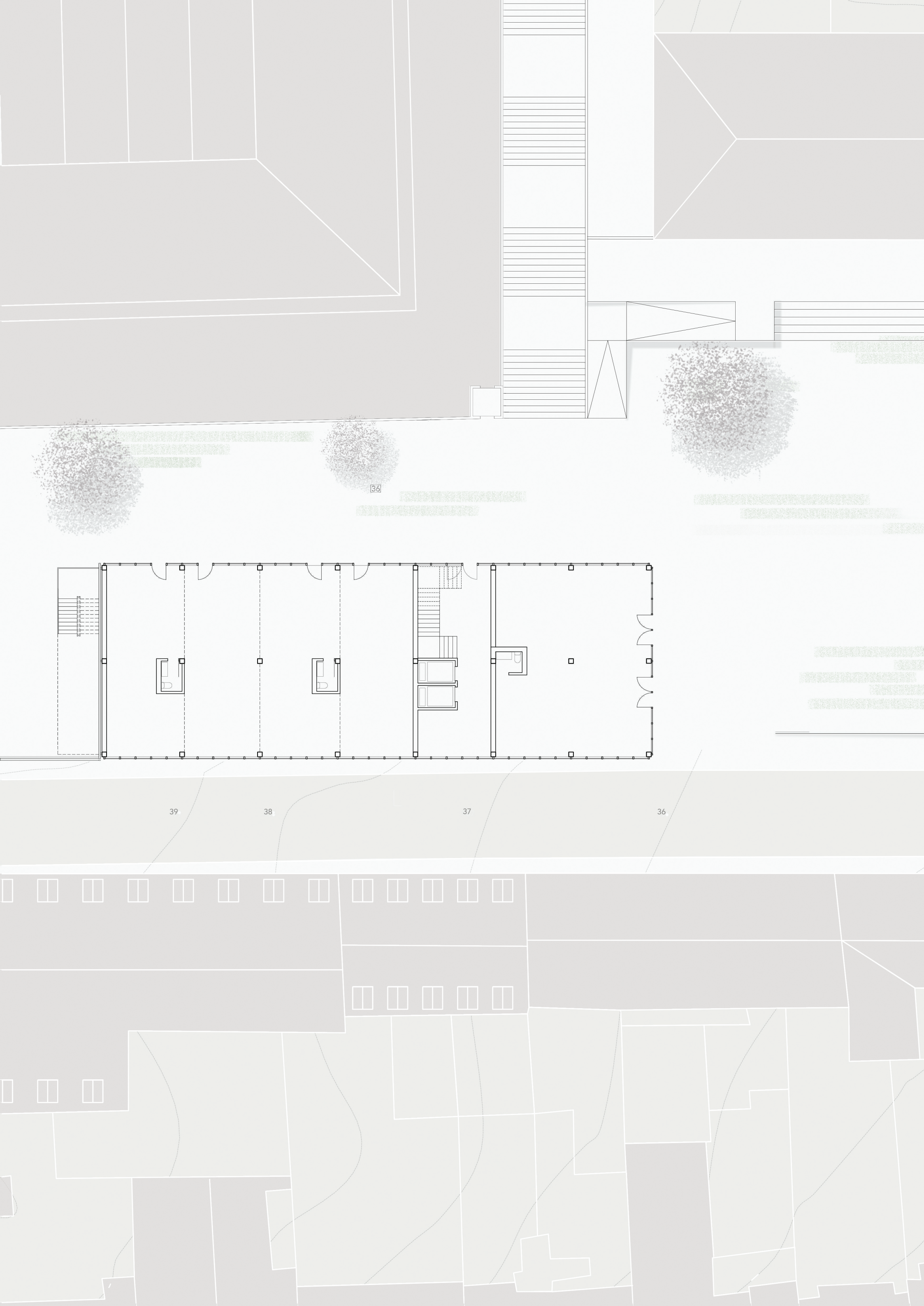


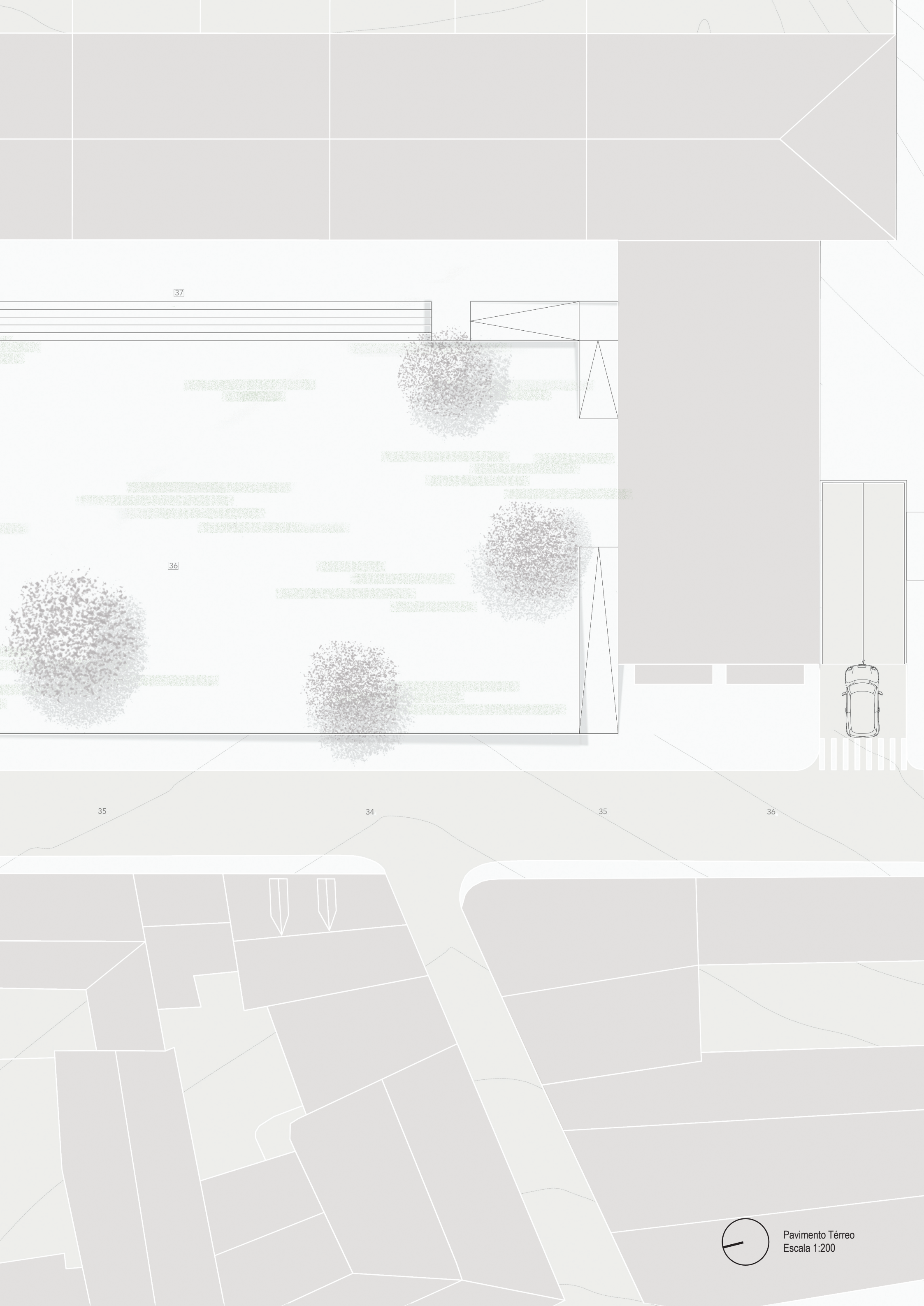
Fig. 40 | Vista do espaço disponível para a proposta do Estacionamento



Planta Baixa Estacionamento
Escala 1:200







37

36

35

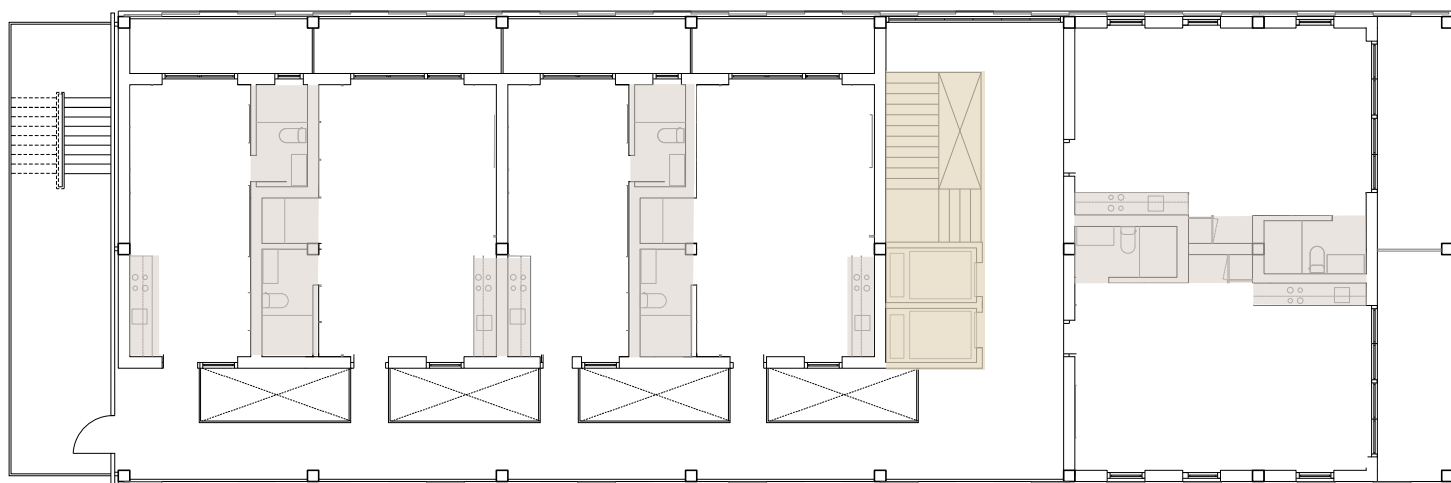
34

35

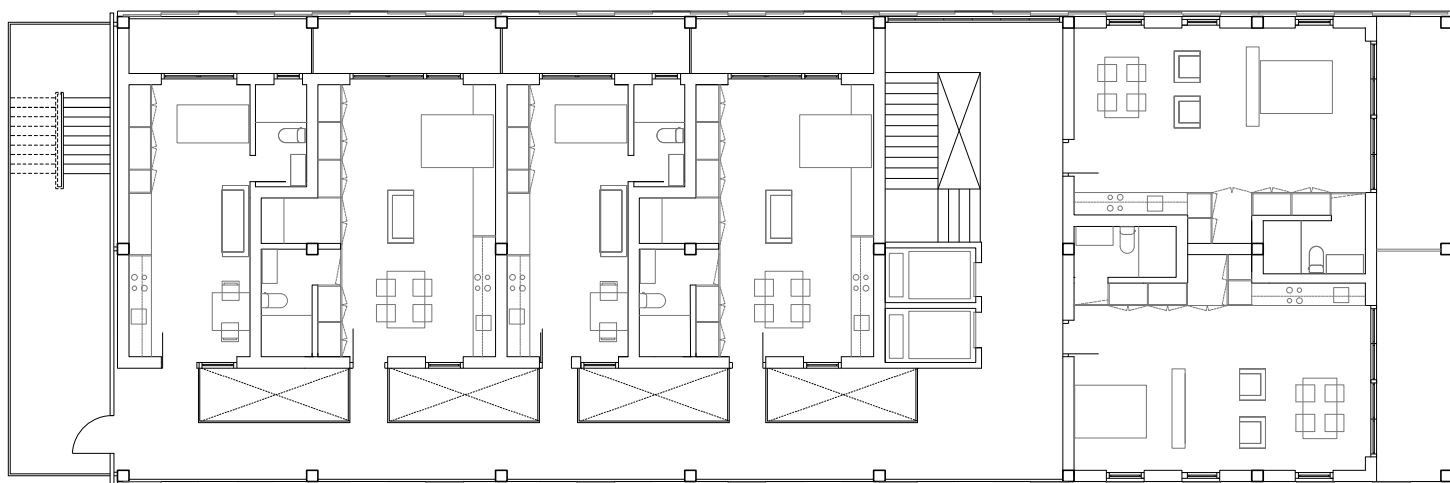
36



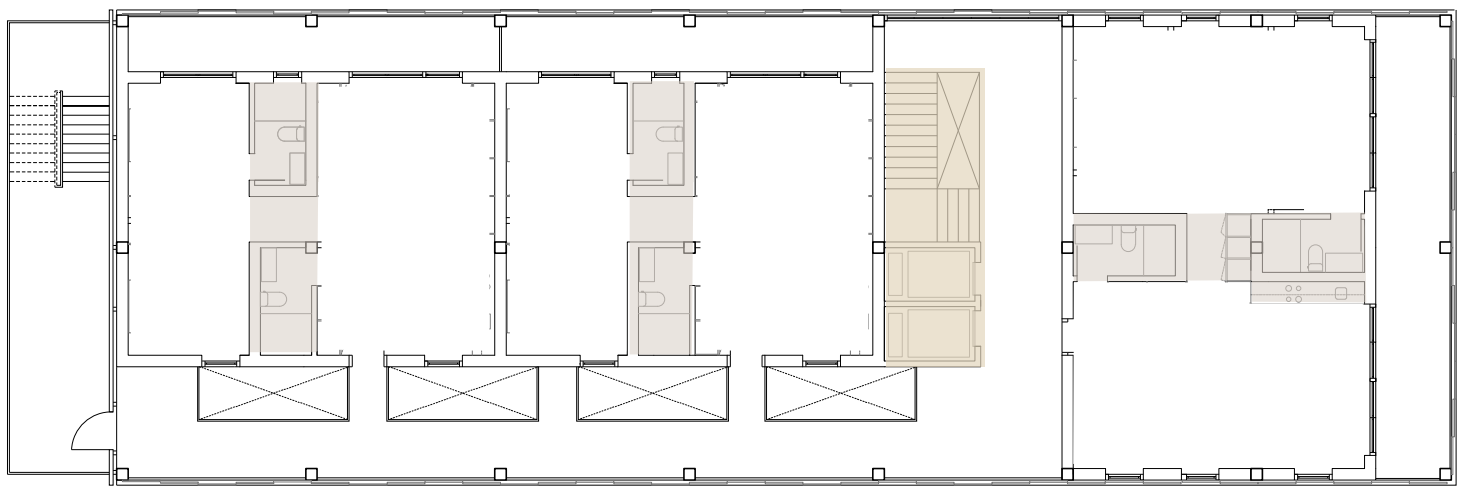
Pavimento Térreo
Escala 1:200



Planta Baixa Pavimento Tipo | Opção Fechada | Cor Amarela para circulação Vertical| Cor Rosa para áreas molhadas
Escala 1:200

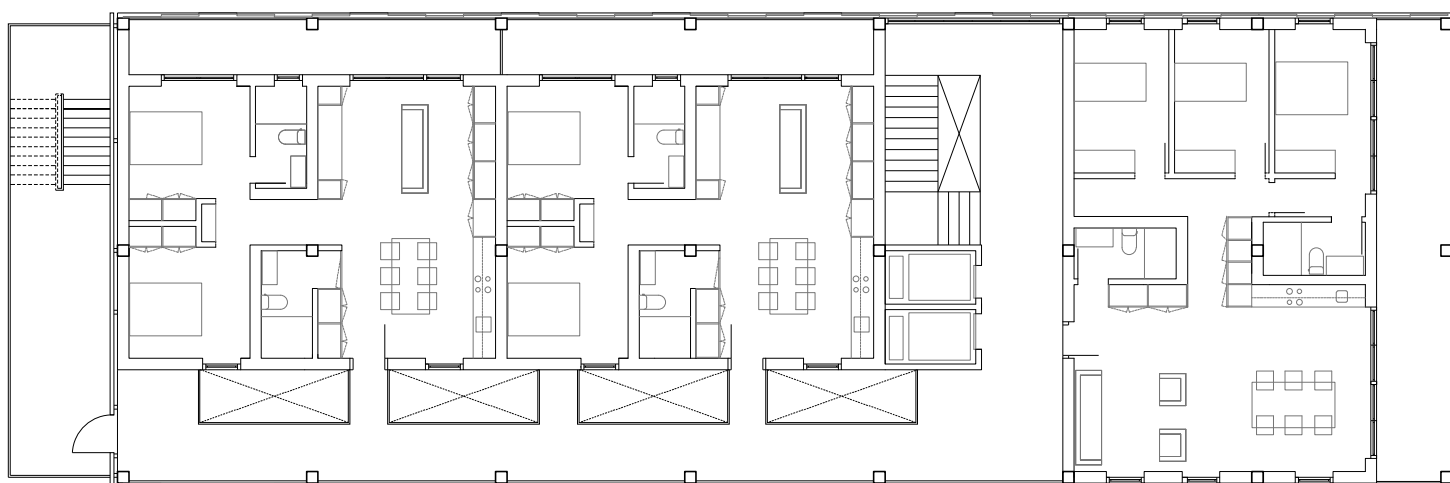


Planta Baixa Pavimento Tipo | Layout Opção Fechada
Escala 1:200



Planta Baixa Pavimento Tipo | Opção Aberta | Cor Amarela para circulação Vertical| Cor Rosa para áreas molhadas

Escala 1:200



Planta Baixa Pavimento Tipo | Layout Opção Aberta
Escala 1:200

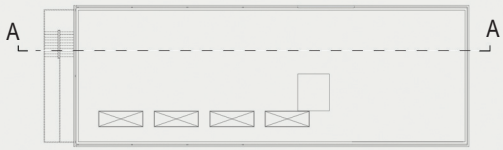
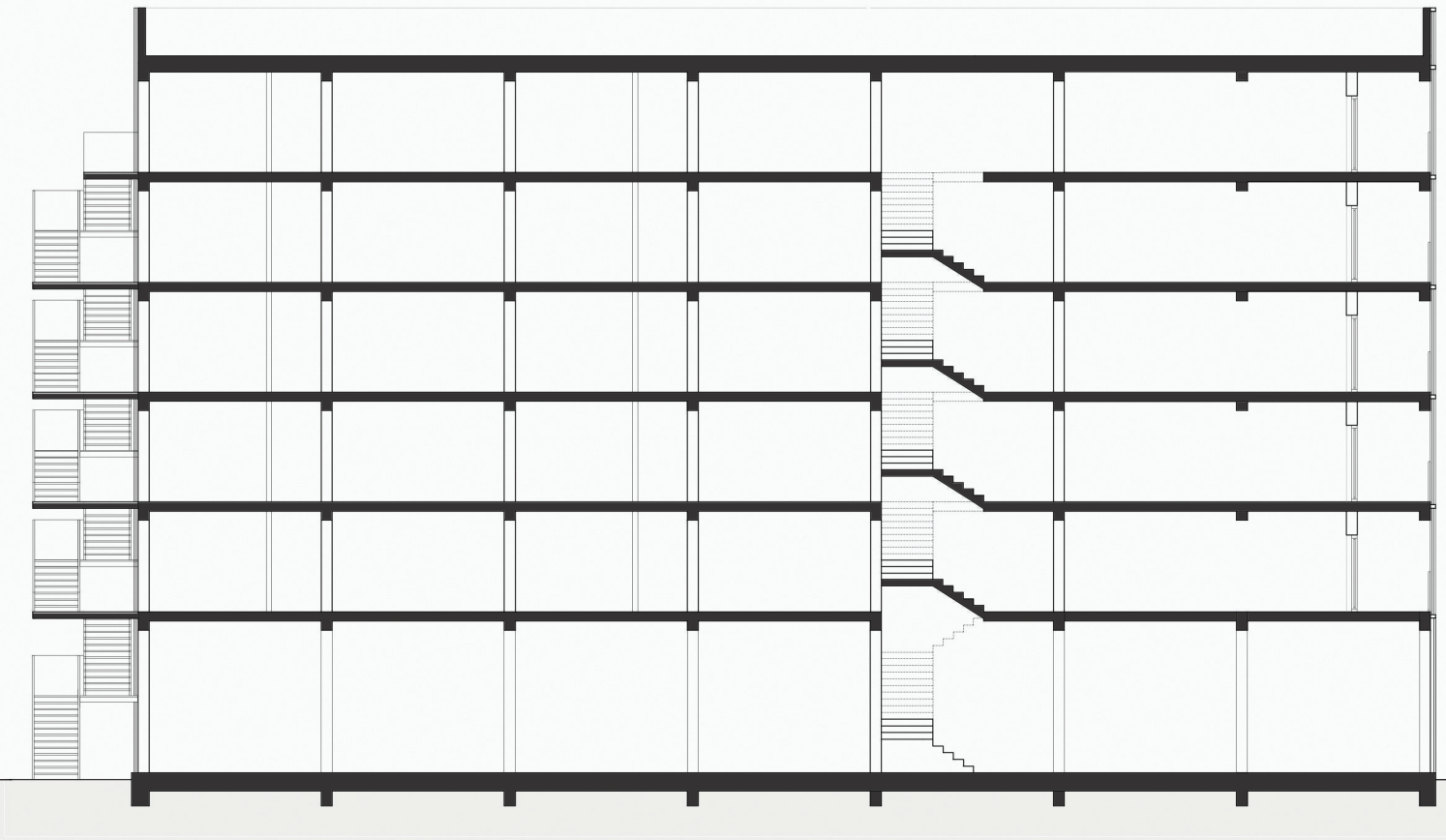




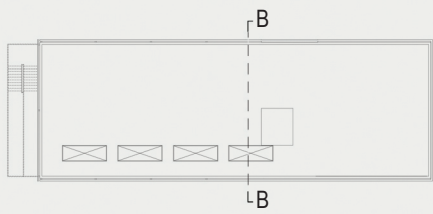
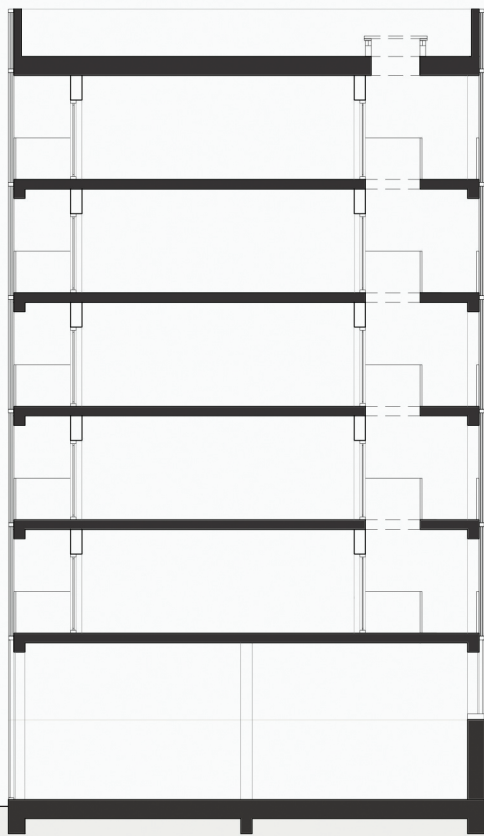


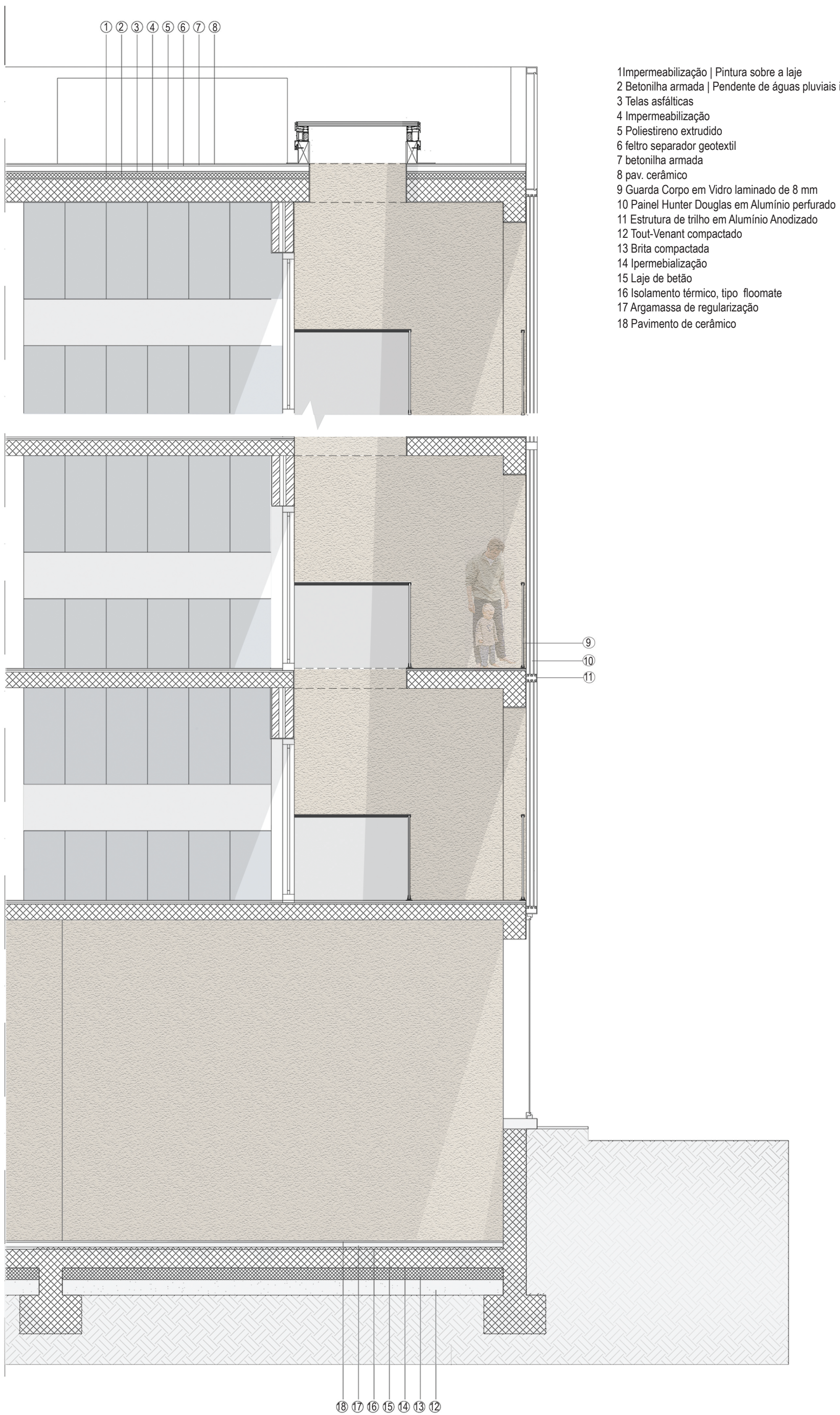




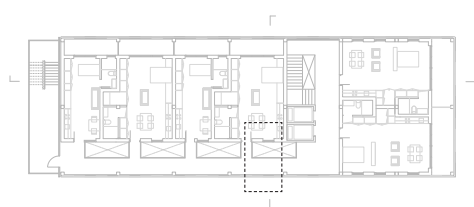
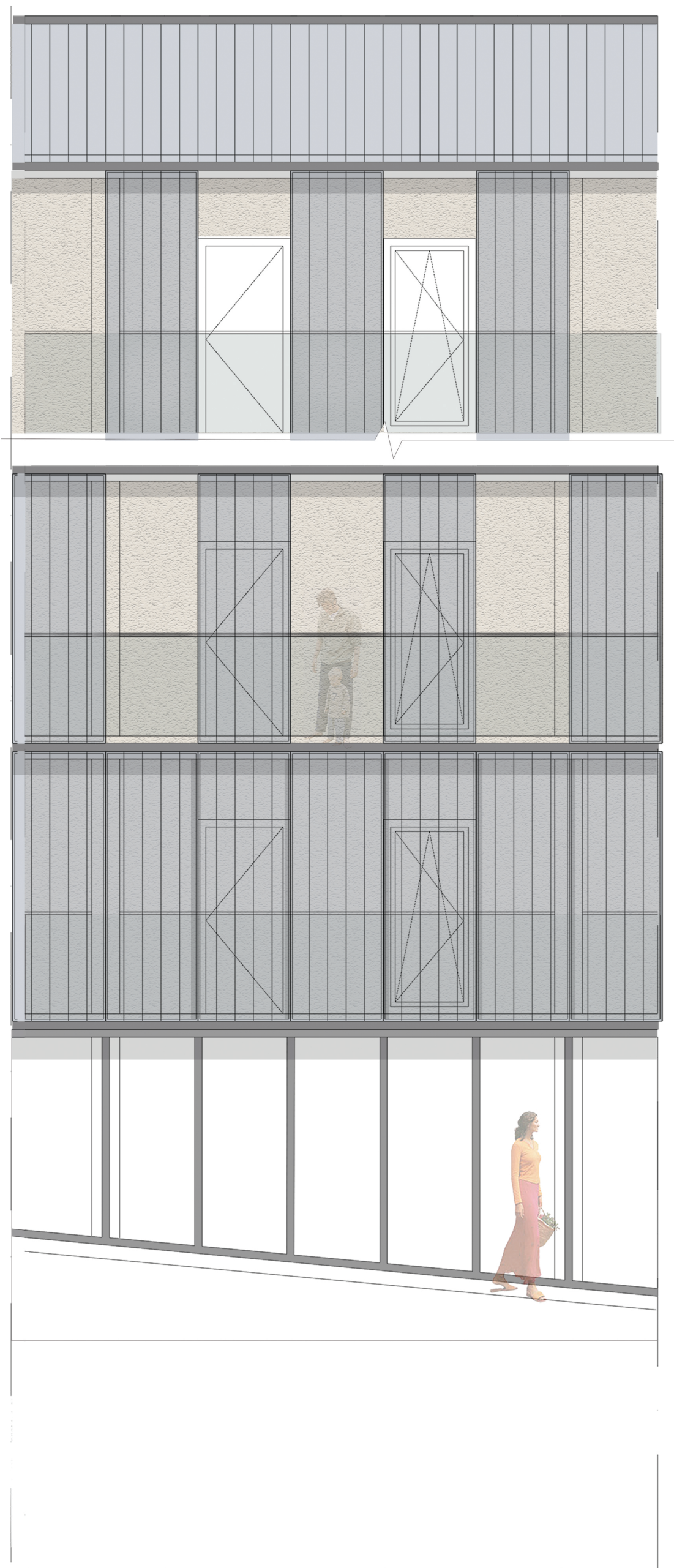


Corte AA
Escala 1:200





Corte Construtivo
Escala 1:50



BIBLIOGRAFIA

ALTER, Lloyd. Baugruppen: It's a cooperative living concept, and it's perfect for boomers. Mother Nature Network, Mnn jan. 2017.
Disponível em:
<https://www.mnn.com/your-home/remodeling-design/blogs/baugruppen-cooperative-living-concept-Germany-perfect-boomers>
Acessado em 18 de Dezembro de 2018, às 10h.

ARIS, Carlos Marti, ed. *Las Formas de la Residencia en la Ciudad Moderna*. Barcelona: Ediciones de la Universidad Politécnica de Catalunya, SL, 2000.

BABO, Constança 2017, As ações de Gordon Matta-Clark no Museu de Serralves.
Disponível em:
<https://www.artecapital.net/exposicao-519-gordon-matta-clark-splitting-cutting-writing-drawing-eating-gordon-matta-clark>
Acessado dia 20 de Dezembro, de 2019 às 17:00h.

BEECHER, Catherine E.; STOWE, Harriet Beecher – The American Woman's Home: Or Principles of Domestic Science. Nova Iorque: J.B. Ford and Company, 1869.

CAUE Gard
Publicado a 17/12/2015
Entre confort, désir et normes, le logement contemporain. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=nthyi7gw0Ho&t=807s>

CHOMBART de Lauwe Paul-Henry, et al. – Famille et Habitation II: Un Essai d'Observation Expérimentale. Paris: Editions Centre National de la Recherche Scientifique, 1960

CHOMBART de Lauwe Paul-Henry, CHOMBART de Lauwe Marie-José. "A evolução contemporânea da Família: estruturas, funções, necessidades".
Análise Social 3, no. 12 (1965): 475-600. <http://www.jstor.org/stable/41008331>.
Publicado por: Instituto Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

ELEB, Monique; SIMON, Philippe. Entre confort, désir et normes: le logement contemporain (1995-2010).

ELIASON, Mike. Ready, Set, BUILD!! (collectively!), The Urbanist: examining urban policy to improve cities and quality of life, maio 2014.
Disponível em:
<https://www.theurbanist.org/2014/05/08/ready-set-build-collectively/>
Acessado em 8 de janeiro de 2019 às 16h.

LLÉO, Blanca, *Sueño de Habitar*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2005.
McCAMANT, Kathryn.; DURRETT, Charles. Creating Cohousing: Building sustainable communities. 1aed. Gabriola Island, Canada: New Society Publishers, 2011.

MAIO ARCHITECTS
Disponível em:
<https://www.maio-architects.com/project/110-rooms/>
Acessado em 5 de Janeiro de 2019 às 9:00 h.

MAIRS, Jessica, Pollard Thomas Edwards completes UK's first over 50s co-housing scheme, Deez magazine, dec.2016.
Disponível em:
<https://www.dezeen.com/2016/12/09/pollard-thomas-edwards-architecture-first-older-co-housing-scheme-owch-uk/>
Acessado em 21 de Janeiro de 2019, às 15h.

MARIA SOUZA DE ANDRADE, Liza. O conceito de Cidades-Jardins: uma adaptação para as cidades sustentáveis. Arquitextos, São Paulo, ano 04, n. 042.02, Vitruvius, nov. 2003.
Disponível em:
<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.042/637>.
Acessado dia 4 de Janeiro, de 2019 às 15:30h.

- MARTINEZ, Muxi Zaida, Revisar y Repensar el Habitar Contemporâneo March 2010.
- MIGUEL, Jorge Marão Carnielo. Casa e lar: a essência da arquitetura. Arqtextos, São Paulo, ano 03, n. 029.11, Vitruvius, out. 2002.
Disponível em:
<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/03.029/746>
Acessado dia 10 de Novembro, de 2018 às 15:00h.
- NEW GROUND, HIGH BARNET.
Disponível em:
<https://righttobuildtoolkit.org.uk/case-studies/new-ground/#>
Acessado em 6 de Janeiro de 2019, às 14h.
- OLDER WOMENS COHOUSING
Disponível em:
<http://www.owch.org.uk/news/>
Acessado em 6 de Janeiro de 2019, às 17h.
- PLANE—SITE, “Housing as a Matter of Fact”, Building Portrait: R50, ifau und Jesko Fezer + Heide & Von Beckerath. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=FSaNI8vEQ4>
- PORDATA, Base de Dados Portugal Contemporâneo
Disponível em:
<https://www.pordata.pt/Europa/Esperança+de+vida+à+nascença+total+e+por+sexo-1260>
Acessado em 13 de Maio de 2019, às 10h.
- RAPORPORT, Amos. House form and Culture. Prentice Hall Inc., Englewood Cliffs, New Jersey, 1969.
- REBELLO, Yopanan; LEITE, Maria Amélia d’Azevedo 2007: As Primeiras Moradias, Revista AU, edição de Agosto n° 161.
Disponível em:
<http://au17.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/161/artigo58415-1.aspx>
Acessado dia 10 de Novembro, de 2018 às 9:00h.
- RYBCZYNSKI, Witold, Home: a short history of an idea, London: Pocket Books, 2001
- SCOTTHANSON, Chris; SCOTTHANSON, Kelly – The Cohousing Handbook: Building a place for community. 1aed. Gabriola Island, Canada: New Society Publishers, 2005.
- SIZA, Álvaro, Textos sobre Carlos Nogueira, A casa.
Disponível em:
<https://carlosnogueira.com/pt/textos/textos-sobre-carlos-nogueira/58-a-casa.html>
Acessado dia 10 de Dezembro, de 2019 às 11:00h.
- UNITED NATIONS, Desa / Population Division, Press Release of the World Urbanization Prospects (2018).
Disponível em:
<https://population.un.org/wup/Publications/Files/WUP2018-PressRelease.pdf>
Acessado dia 25 de Novembro, de 2018 às 13h.
- WILLIAMS, Sally. *Sixty, female and all living under one roof (just don't call it a commune)*, The Telegraph, Ago. 2016. Disponível em:
<https://www.telegraph.co.uk/women/life/sixty-female-middle-class---and-all-living-under-one-roof-just-d/>
Acessado em 6 de Janeiro, às 10h.

FIGURAS

Fig. 01 O Homem primitivo se protegendo da chuva Segundo Filarete http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.029/746 -	8
Fig. 02 Parco della Murgia Materana Itália https://www.viajarpelomundo.com/2017/01/conheca-matera-cidade-que-encantou-mel.html	9
Fig.03 The Bedroom Pieter der Hooch 1658-1660 https://www.nga.gov/collection/art-object-page.1172.html	13
Fig.04, 05 e 06 American Woman's Home https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015014094638&view=1up&seq=11&size=75	15
Fig.07 L'Esprit Nouveau Pavillon - Exposição de Artes Decorativas de Paris Le Corbusier 1925 https://www.lescouleurs.ch/fr/journal/posts/pavillon-de-lesprit-nouveau/	19
Fig.08 Cartaz de convite para a exposição dirigida por Mies Van Der Rohe 1927 https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/10.117/4025	20
Fig. 09 Plantas dos pavimentos do projeto de Mies Van Der Rohe para a exposição de 1927 https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_13/02_humberto%20mezzadri.pdf	21
Fig. 10 Vanna Venturi House Robert Venturi 1964 https://www.archdaily.com/62743/ad-classics-vanna-venturi-house-robert-venturi	23
Fig. 11 Splitting Gordon Matta-Clark 1974 https://www.archdaily.com.br/br/01-27310/arte-e-arquitetura-building-cuts-gordon-matta-clark?ad_medium=gallery	24
Fig. 12 Splitting Interior da casa Gordon Matta-Clark In1974 https://www.archdaily.com.br/br/01-27310/arte-e-arquitetura-building-cuts-gordon-matta-clark/building-cuts_gordon-matta-clark_1323752715-conical-intersect-1975/27310_27336?next_project=no	25
Fig. 13 La Maison Des Locataires Robert Doisneau 1962 https://www.mutualart.com/Artwork/La-Maison-des-Locataires/630D5571A17CF02B	28
Fig. 14 House of the Future Alison e Peter Smithson 1956 https://www.treehugger.com/interior-design/look-alison-smithsons-1956-house-future.html	31
Fig. 15 Just what is it that makes today's homes so different, so appealing? Richard Hamilton 1956 http://www.bbc.com/culture/story/20150824-richard-hamilton-and-the-work-that-created-pop-art	32
Fig. 16 François Dallegret, A Home is not a House, 1965 http://socks-studio.com/2011/10/31/francois-dallegret-and-reyner-banham-a-home-is-not-a-house-1965/	33
Fig. 17 <i>Mobile Office</i> Hans Hollein 1969 https://archinect.com/features/article/150057955/screen-print-66-hans-hollein-s-mobile-office-and-the-new-workers-reality	35
Fig. 18 Fotografia da zona de implantação do primeiro exemplo de cohousing na Dinamarca 1972 http://www.sættedammen.dk/om-saeligttdammen.html	40
Fig. 19 Fotografia do processo construtivo da cohousing <i>Sættedammen</i> ,Dinamarca 1972 http://www.sættedammen.dk/om-saeligttdammen.html	41
Fig. 20, 21, 22 e 23 Fotografia do R_50 construído em Berlim 2013 https://www.archdaily.com/593154/r50-nil-cohousing-ifau-und-jesko-fezer-heide-and-von-beckerath	43
Fig 24 Figura mostra reunião dos moradores em espaço compartilhado do subsolo https://www.kcrw.com/culture/shows/design-and-architecture/berlins-r50-baugruppe-is-a-model-of-living-affordably-collectively	47
Fig. 25 e 28 Residentes do Owch Co-Housing https://righttobuildtoolkit.org.uk/case-studies/new-ground/#	49
Fig. 26, 27 e 29 https://www.dezeen.com/2016/12/09/pollard-thomas-edwards-architecture-first-older-co-housing-scheme-owch-uk/	50
Fig. 30, 31 Esquema gráfico do grupo Maio, e plantas https://www.maio-architects.com/project/110-rooms/	55
Fig. 32 e 33 https://divisare.com/projects/375221-maio-jose-hevia-110-rooms	56

